



# **ACADEMIA MILITAR**

## **As Operações Especiais nos 45 dias do Afeganistão em 2001**

**João Pedro Oliveira Correia**  
**Aspirante Aluno de Infantaria**

**Orientador: Tenente-Coronel Infantaria Nuno Correia Barrento de Lemos Pires**  
**Coorientador: Tenente-Coronel Infantaria Domingos Jorge Fernandes Rodrigues**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada**  
**Lisboa, julho de 2013**



# **ACADEMIA MILITAR**

## **As Operações Especiais nos 45 dias do Afeganistão em 2001**

**João Pedro Oliveira Correia**  
**Aspirante Aluno de Infantaria**

**Orientador: Tenente-Coronel Infantaria Nuno Correia Barrento de Lemos Pires**  
**Coorientador: Tenente-Coronel Infantaria Domingos Jorge Fernandes Rodrigues**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada**  
**Lisboa, julho de 2013**

## Epígrafe

*“De Oppresso Liber”*

*(The United States Army Special Forces motto)*

## **Dedicatória**

Aos soldados que sacrificaram as suas vidas em defesa da liberdade e na luta contra o terrorismo e a todos aqueles que ainda serão chamados no futuro para o fazer.

## **Agradecimentos**

Finalizando este Trabalho de Investigação Aplicada, é chegado o momento de agradecer a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão deste percurso académico.

Ao Orientador, Tenente Coronel de Infantaria Nuno Correia Barrento de Lemos Pires, pelo tempo e esforço exemplar que disponibilizou para me amparar na realização deste trabalho.

Ao Coorientador, Tenente Coronel de Infantaria Domingos Jorge Fernandes Rodrigues, pela disponibilidade, dedicação e preciosa experiência.

A todos os Oficiais, Sargentos, Praças e Docentes Cívicos que dedicaram o seu tempo e conhecimento em prol de uma correta e exigente formação.

À Academia Militar e à Escola Prática de Infantaria, que me formaram como homem, militar e Infante.

Aos meus irmãos Infantes por todas as caminhadas nestes anos dourados.

À Daniela, um verdadeiro pilar na minha vida que tanto me motivou, tranquilizou e guiou nos momentos de maior fraqueza.

Aos meus familiares e amigos, que tanto me apoiaram desde o meu ingresso nas fileiras do Exército.

A todos, o meu eterno agradecimento.

## Resumo

Entre outubro e dezembro de 2001, as Forças de Operações Especiais, em conjunto com forças do movimento anti talibã, eliminaram grande parte dos talibãs e da *Al-Qaeda*, localizada no Afeganistão, em apenas “45 dias”.

No dia 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos da América sofreram um atentado terrorista que matou cerca de 3.000 pessoas. Este ato terrorista de extrema violência teve imediatas implicações a nível internacional, e conseqüente preocupação e empenho na erradicação de possíveis atos semelhantes. Os Estados Unidos da América atribuíram a responsabilidade pelo atentado à *Al-Qaeda*, que se encontrava instalada em solo afegão à guarida dos talibãs. De forma a eliminar a *Al-Qaeda* e os restantes grupos terroristas, o presidente americano *George Bush*, em conjunto com os seus conselheiros, decidiram dar início à denominada *Global War on Terrorism*. Neste âmbito os Estados Unidos da América desenvolveram a operação militar *Operation Enduring Freedom* no Afeganistão.

Este Trabalho de Investigação Aplicada procura estudar o empenhamento das Forças de Operações Especiais, na *Operation Enduring Freedom – Afghanistan*, no seu relacionamento com as forças do movimento anti talibã, nomeadamente, a Aliança do Norte. O período em estudo são os “45 dias” no Afeganistão, que materializa, o início das operações terrestres até à queda do regime talibã no Afeganistão. Tem por base uma pesquisa documental das atividades desenvolvidas durante este período tendo em conta a doutrina e organização das Forças de Operações Especiais Americanas.

Neste trabalho, conclui-se graças ao elevado treino, uso de equipamento especializado e grande capacidade adaptativa das Forças de Operações Especiais, em conjunto com o apoio de ataques aéreos e uma força nativa anti talibã, foi possível eliminar o regime talibã e grande parte da *Al-Qaeda* que se encontrava em solo afegão.

**Palavras-chave:** *Operation Enduring Freedom-Afghanistan*; Forças de Operações Especiais; Aliança do Norte; Talibãs; 45 dias no Afeganistão.

## Abstract

Between October and December 2001, in “45 days”, Special Operations Forces, together with anti-Taliban movement forces, eliminated much of the Taliban and *Al-Qaeda* members in Afghanistan.

On September 11, 2001, the United States of America suffered a terrorist attack that killed almost 3000 people. This terrorist act of extreme violence had international implications, resulting concern and commitment to eradication of such kind of action. The United States of America attributed responsibility for the attack on al-Qaida, which was installed on Afghan soil, protected by the Taliban. In order to eliminate the al-Qaida and other terrorist groups, the American President, George Bush, together with his advisors, decided to start the so called Global War on Terrorism. In this context, the United States of America developed a military operation called Operation Enduring Freedom in Afghanistan.

The aim of this research was to study the commitment of Special Operations Forces in Operation Enduring Freedom - Afghanistan, focusing on their relationship with anti-Taliban movement forces, in particular the Afghan Northern Alliance. The period under study is the "45 days" in Afghanistan, which includes the beginning of field operations until the fall of the Taliban regime in Afghanistan. This work is based on a documental research of the activities conducted during this period, taking into account the doctrine and organization of American Special Operations Forces.

In this study, it is concluded that due to the high training, use of specialized equipment and the adaptive capacity of Special Operations Forces, together with the support of air strikes and an anti-Taliban native force, it was possible to eliminate the Taliban regime and much of al-Qaida members who were on Afghan soil.

**Keywords:** Operation Enduring Freedom-Afghanistan; Special Operations Forces; Northern Alliance; Taliban; 45 days in Afghanistan.

# Índice Geral

<b>Epígrafe</b> .....	<b>i</b>
<b>Dedicatória</b> .....	<b>II</b>
<b>Agradecimentos</b> .....	<b>III</b>
<b>Resumo</b> .....	<b>IV</b>
<b>Abstract</b> .....	<b>V</b>
<b>Índice Geral</b> .....	<b>VI</b>
<b>Índice de Figuras</b> .....	<b>VIII</b>
<b>Índice de Quadros</b> .....	<b>IX</b>
<b>Lista de Anexos</b> .....	<b>X</b>
<b>Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos</b> .....	<b>XI</b>
<b>CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
1.1.    Introdução .....	1
1.2.    Enquadramento/ Contextualização da Investigação .....	1
1.3.    Justificação do Tema .....	2
1.4.    Objetivos.....	3
1.5.    Questão Principal e Questões Derivadas .....	3
1.6.    Hipóteses .....	4
1.7.    Metodologia.....	4
1.8.    Estrutura do Trabalho .....	5
<b>CAPÍTULO 2 - ESTADO DA ARTE</b> .....	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO 3 - O AFEGANISTÃO</b> .....	<b>9</b>
3.1    Enquadramento Geopolítico .....	9
3.1.1    Fator Físico .....	9
3.1.2    Fator Humano .....	10
3.2    Contextualização Histórica.....	13
3.3    Atores Afegãos .....	16
3.4    Ambiente Estratégico .....	21
3.5    Conclusões.....	22

<b>CAPÍTULO 4 - OS 45 DIAS NO AFEGANISTÃO .....</b>	<b>24</b>
4.1 Introdução .....	24
4.2 Caracterização e Doutrina .....	24
4.3 Estrutura para o combate .....	26
4.4 Outras Forças de Operações Especiais no Terreno .....	29
4.5 Global War On Terrorism .....	30
4.6 Operation Enduring Freedom – Afghanistan .....	31
4.7 Quadro Estratégico de cooperação .....	38
4.8 Análise Global do Pós 45 Dias .....	40
4.9 Conclusões .....	41
<b>CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE ALIANÇA DO NORTE E AS FORÇAS DE OPERAÇÕES ESPECIAIS .....</b>	<b>43</b>
<b>CAPÍTULO 6 - CONCLUSÕES .....</b>	<b>46</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>49</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>52</b>
<b>Anexo A: Mapa das Províncias do Afeganistão .....</b>	<b>A-1</b>
<b>Anexo B: Vias de Comunicação no Afeganistão.....</b>	<b>B-1</b>
<b>Anexo C: Mapa das Etnias Afegãs.....</b>	<b>C-1</b>
<b>Anexo D: Conquistas Talibãs no Afeganistão.....</b>	<b>D-1</b>
<b>Anexo E: Unified Combatant Command .....</b>	<b>E-1</b>
<b>Anexo F: Principais Bases Aéreas nos Países Adjacentes ao Afeganistão .....</b>	<b>F-1</b>
<b>Anexo G: Operações no norte do Afeganistão Outubro – Dezembro 2001 ....</b>	<b>G-1</b>
<b>Anexo H: Operações no sul do Afeganistão Outubro – Dezembro 2001.....</b>	<b>H-1</b>

## Índice de Figuras

<b>Figura n.º 1 – Estrutura do Trabalho.....</b>	<b>6</b>
<b>Figura n.º 2 – Organigrama da Estrutura Inicial das FOE na OEF-A.....</b>	<b>27</b>

## Índice de Quadros

Quadro n.º1 – Quadro Estratégico de cooperação.....	38
---	----

## **Lista de Anexos**

**Anexo A: Mapa das províncias do Afeganistão**

**Anexo B: Vias de Comunicação no Afeganistão**

**Anexo C: Mapa das Etnias Afegãs**

**Anexo D: Conquistas Talibãs no Afeganistão**

**Anexo E: *Unified Combatant Command***

**Anexo F: Principais bases aéreas nos países adjacentes ao Afeganistão**

**Anexo G: Operações no norte do Afeganistão outubro – dezembro 2001**

**Anexo H: Operações no sul do Afeganistão outubro – dezembro 2001**

## Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos<sup>1</sup>

AFSOC	<i>Air Force Special Operations Command</i>
AM	Academia Militar
ANZUS	<i>Australia, New Zealand and United States</i>
CAG	<i>Combat Applications Group</i>
CALCM	<i>Conventional Air Launched Cruise Missiles</i>
CENTCOM	<i>Central Command</i>
CIA	<i>Central Intelligence Agency</i>
CJCMOTF	<i>Coalition Joint Civil-Military Operation Task Force</i>
CJSOTF	<i>Combined Joint Special Operations Task Force</i>
CJTF-M	<i>Combined Joint Task Force – Mountain</i>
DEVGRU	<i>Naval Special Warfare Development Group</i>
ENP	Estágio de Natureza Profissional
EUA	Estados Unidos da América
FM	<i>Field Manual</i>
FOE	Forças de Operações Especiais
GPS	<i>Global Position System</i>
GWOT	<i>Global War on Terrorism</i>
IESM	Instituto de Estudos Superiores Militares
ISAF	<i>International Security Assistance Force</i> (Força de Assistência para a Segurança Nacional)
JDAM	<i>Joint Direct Attack Munitions</i>
JIATF-CT	<i>Joint Interagency Task Force – Counterterrorism</i>
JSOC	<i>Joint Special Operations Command</i>
JSOTF-N	<i>Joint Special Operation Task Force – North</i>

---

<sup>1</sup>Abreviaturas militares de acordo com PDE 0-18-00 (Exército Português, 2010a) e com JP 1-02 (USARMY, 2010)

JSOTF-S	<i>Joint Special Operation Task Force – South</i>
K2	<b>Karshi-Khanabad</b>
MARSOC	<i>Marine Corps Forces Special Operations Command</i>
MEU	<i>Marine Expeditionary Unit</i>
NAVSPECWARCOM	<i>Naval Special Warfare Command</i>
NEP	<b>Normas de Execução Permanente</b>
NSA	<i>National Security Agency</i>
ODA	<i>Operational Detachment A</i>
OEF	<i>Operation Enduring Freedom</i>
OEF-A	<i>Operation Enduring Freedom - Afghanistan</i>
OI	<b>Organizações Internacionais</b>
ONG	<b>Organização Não Governamental</b>
OTAN	<b>Organização do Tratado do Atlântico Norte</b>
PDPA	<b>Partido Democrático Popular Afegão</b>
PSYOPS	<i>Psychological Operations</i>
SASR	<i>Special Air Service Regiment</i>
SEAL	<i>Sea, Air, Land</i>
SFOD A	<i>Special Forces Operational Detachment A</i>
SFOD B	<i>Special Forces Operational Detachment B</i>
SFOD C	<i>Special Forces Operational Detachment C</i>
SMU	<i>Special Mission Unit</i>
SOCCENT	<i>Special Operations Central Command</i>
TF	<i>Task Force</i>
TIA	<b>Trabalho de Investigação Aplicada</b>
TO	<b>Teatro de Operações</b>
UAV	<i>Unmanned Aerial Vehicle</i>
USASFC	<i>US Army Special Forces Command</i>

USASOC	<i>United States Army Special Operations Command</i>
USCENTCOM	<i>United States Central Command</i>
USPACOM	<i>United States Pacific Command</i>
USSOCOM	<i>United States Special Operations Command</i>

# Capítulo 1

## Introdução

### 1.1. Introdução

O presente Trabalho de Investigação Aplicada (TIA) enquadra-se no Estágio de Natureza Profissional (ENP), que se apresenta como parte complementar do Tirocínio para Oficial de Infantaria, no âmbito da conclusão do Mestrado Integrado em Ciências Militares. O tema deste trabalho é: “As Operações Especiais nos 45 dias do Afeganistão em 2001”.

Como afirma Eco (2007, p.57) “a experiência de investigação imposta por uma tese serve sempre para a nossa vida futura (...) não tanto pelo tema que se escolher quanto pela preparação que isso impõe, pela escola de rigor, pela capacidade de organização do material que ela requer.” Como tal, este TIA, assim como qualquer tipo de estudo, pretende aprofundar o nível de conhecimento sobre uma área específica além de desenvolver as capacidades de investigação do autor. Mais do que descrever factos históricos, este trabalho pretende ser uma análise estratégica do conflito em questão. Assim, apresenta-se como um estudo académico, de possível interesse a todos os interessados numa análise mais abrangente dos conflitos armados. O presente capítulo marca o início deste TIA e pretende enquadrar o leitor e justificar a escolha desta temática. Iremos também apresentar os objetivos, a questão central e derivadas, as hipóteses resultantes, metodologia adotada na realização deste TIA e a sua estrutura.

### 1.2. Enquadramento/ Contextualização da Investigação

No dia 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos da América (EUA) foram atacados no seu território por quatro aviões comerciais que haviam sido capturados por membros da *Al-Qaeda* e embateram deliberadamente, dois contra as torres gémeas do *World Trade Center*, um contra o Pentágono em Washington DC, e o quarto despenhou-se em Pensilvânia. Este violento atentado, pelo seu impacto e dimensão, colocou o conceito de terrorismo num nível, até então desconsiderado. A partir deste acontecimento, o terrorismo passou a ser considerado como uma ameaça principal, implicando alterações estratégicas em vários países, principalmente nos EUA. Para além das milhares de mortes

em solo norte americano, deu origem a ações armadas de vários países e Organizações Internacionais (OI) no combate ao terrorismo. A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), evocou, pela primeira vez na história, o artigo 5<sup>o</sup><sup>2</sup>. Os EUA desenvolveram a *Global War on Terrorism* (GWOT), onde se inseria a *Operation Enduring Freedom* (OEF). A OEF era constituída por um conjunto de operações militares que se denominava de acordo com o local onde se desenrolavam, como é o caso da *Operation Enduring Freedom – Afghanistan* (OEF-A). A OEF-A foi a primeira a ser desenvolvida neste âmbito, com os seguintes objetivos: capturar *Usama bin Laden*, eliminar a *Al-Qaeda*, remover o governo talibã do Afeganistão, e recuperar a estabilidade no Afeganistão para reconstruir o país a nível político, económico e social. Foi na OEF-A que se desenrolou um dos mais interessantes acontecimentos militares de sempre. “Os 45 dias” no Afeganistão foi o nome dado à intervenção inicial das Forças de Operações Especiais (FOE) no Afeganistão no âmbito da OEF-A. A OEF deu origem a um novo *modus operandi* das Forças Armadas Americanas, denominado por alguns autores, que iremos abordar neste TIA, como: modelo afegão. A ação indireta das FOE com elementos locais, neste caso a Aliança do Norte, juntamente com apoio aéreo, revelou-se um sucesso naquela operação. É esta relação entre as forças que operaram em terreno afegão durante a OEF-A e a Aliança do Norte que iremos explorar no presente TIA.

### 1.3. Justificação do Tema

Por se tratar de um trabalho do âmbito da História e das Relações Internacionais<sup>3</sup>, revela-se de especial importância para todos os militares, face ao atual empenhamento da sociedade internacional no processo de estabilização do Afeganistão por intervenção da Força de Assistência para a Segurança Internacional (ISAF)<sup>4</sup>. Além disso, é nesta operação que surgem novos conceitos de elevada importância para os interessados nas relações internacionais, como por exemplo, o conceito de terrorismo tal como o conhecemos nos dias de hoje e o novo modo de guerra americano ou modelo afegão.

No seguimento do ataque de 11 de setembro em solo americano, os EUA desenvolveram a OEF-A, que alguns autores, referidos ao longo do trabalho, consideram

<sup>2</sup> “ (...) determina que, em caso de agressão, os Estados signatários têm obrigação de auxílio mútuo para restabelecer a segurança” (Silva, 2008, p.48)

<sup>3</sup> “ (...) conjunto de relações entre entidades que não reconhecem um poder político superior, ainda que não sejam estaduais, somando-se as relações diretas entre entidades formalmente dependentes de poderes políticos autónomos” (Moreira, 2002, p.38)

<sup>4</sup> Criada na Conferência de Bonn, em Dezembro de 2001 (North Atlantic Treaty Organization, 2013)

ter alterado o *modus operandi* americano. A experiência da OEF permitiu aos americanos perceberem que não é apenas a superioridade tecnológica a responsável pelo sucesso nos novos tipos de conflitos, mas também a componente humana das suas Forças Armadas. Porém, face à abrangência e complexidade do tema, e de modo a escarpelizar em detalhe toda a operação, optou-se por delimitar este trabalho entre os dias 19 de outubro e 7 de dezembro de 2001, que materializa os “45 dias” no Afeganistão, e no final retratar, num subcapítulo, o período que se seguiu aos “45 dias”.

Neste trabalho forçar-nos-emos nas FOE envolvidas na operação, a Aliança do Norte, e a relação estabelecida entre ambas. Assim sendo, com este tema pretendemos salientar a importância da atuação das FOE e respetivo relacionamento com a Aliança do Norte.

#### **1.4. Objetivos**

Decidimos delimitar este trabalho no espaço temporal acima referido, visto que foi durante este período que se sucederam os principais acontecimentos, que dão tanta relevância a esta campanha no Afeganistão.

Como tal, definimos como objetivo geral: relevar o importante papel da ligação das FOE americanas empenhadas na OEF-A e a Aliança do Norte para o sucesso da operação e sucessiva queda do regime talibã no Afeganistão. Em resultado de tal objetivo geral, advêm os seguintes objetivos específicos: descrever a organização da Aliança do Norte; avaliar a estrutura e doutrina das FOE americanas empenhadas nos “45 dias”; analisar a OEF-A entre 19 de outubro e 7 de dezembro; e analisar o quadro estratégico da cooperação estabelecida entre as diversas forças no terreno.

#### **1.5. Questão Principal e Questões Derivadas**

O presente TIA pretende responder à seguinte questão principal: **Qual a importância da ligação das FOE à Aliança do Norte para o sucesso da OEF-A?**

No sentido de concretizar o estudo desta temática obtivemos outras questões pertinentes que derivam da questão central, nomeadamente:

**Questão Derivada 1:** Como se organizava a Aliança do Norte?

**Questão Derivada 2:** Como se estruturavam as FOE empenhadas?

---

**Questão Derivada 3:** Qual o relacionamento existente entre FOE empenhadas e a Aliança do Norte?

**Questão Derivada 4:** Quais as influências das FOE empenhadas na Aliança do Norte, e vice-versa?

## 1.6. Hipóteses

Perante as questões identificadas, formularam-se as quatro hipóteses seguintes:

**Hipótese 1:** A organização da Aliança do Norte não detinha capacidade suficiente para retirar os talibãs do poder.

**Hipótese 2:** A estrutura utilizada pelas FOE conseguiu apoiar eficazmente a Aliança do Norte de forma a fazer frente aos talibãs que se concentravam nas principais cidades do país Afegão.

**Hipótese 3:** A estratégia usada pelos EUA permitiu o sucesso da operação sem grande empenhamento de forças no terreno, no entanto, não seria possível ocupar o terreno sem o apoio da organização governamental Aliança do Norte.

**Hipótese 4:** A experiência da Aliança do Norte facilitou o desempenho das FOE, e as técnicas, táticas, e equipamentos das FOE transformaram a Aliança do Norte numa componente operacional e eficiente.

## 1.7. Metodologia

Segundo Fortin (2003, p.40) na fase da metodologia “o investigador determina os métodos que utilizará para obter as respostas às questões de investigação colocadas ou às hipóteses formuladas”. Marconi e Lakatos (2003, p.83) referem-se a método como “o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detetando erros e auxiliando as decisões do cientista.” Desta forma, a metodologia seguida tem como referência o método de investigação histórica<sup>5</sup> numa abordagem diacrónica, fazendo uso do método crítico<sup>6</sup>, e do método sistemático<sup>7</sup>. Para dar resposta às questões colocadas anteriormente iremos recorrer à técnica de pesquisa

---

<sup>5</sup> Como explica Manuela Sarmiento (2008, p.5) “o método histórico analisa os fenómenos ou processos em estudo, atendo à constituição, ao desenvolvimento, à formação e às consequências do fenómeno”

<sup>6</sup> Como afirma Manuela Sarmiento (2008, p.4) “que se baseia na observação crítica dos acontecimentos”

<sup>7</sup> De acordo com Manuela Sarmiento (2008, p.4) “que assenta na interpretação dos acontecimentos”

documental<sup>8</sup>, e a técnica de pesquisa bibliográfica<sup>9</sup>. As pesquisas foram realizadas na Biblioteca da Academia Militar (AM) Sede e na Biblioteca da AM na Amadora, no Instituto de Estudos Superiores Militares (IESM), e em algumas bibliotecas municipais, através de palavras chave como: Forças de Operações Especiais, *Operation Enduring Freedom – Afghanistan*, Aliança do Norte, talibãs, “45 dias” no Afeganistão. Após termos apurado as principais fontes bibliográficas, que neste trabalho, assenta em, livros, artigos científicos, publicações doutrinárias do Exército, *field manuals* (FM), e informação online, publicados entre 1996 e 2013, realizámos uma análise desses documentos, tendo como referência as obras que iremos apontar no próximo capítulo. A referência para a redação deste TIA, foi a Norma de Execução Permanente (NEP) 520\2<sup>a</sup> de 1 de junho de 2013.

## 1.8. Estrutura do Trabalho

O presente TIA está estruturado em três partes, compostas por seis capítulos. A primeira parte deste trabalho, é constituída pela Introdução e pelo Estado da Arte correspondendo ao Capítulo 1 e Capítulo 2, respetivamente. Nesta secção pretende fazer-se uma introdução ao trabalho, contextualização da investigação, apresentação da questão principal e questões derivadas, diferentes hipóteses, e metodologia, e estrutura. É também nosso objetivo dar a conhecer todas as obras existentes sobre a temática em estudo.

A segunda parte é composta pelo Capítulo 3 – Afeganistão e Capítulo 4 – Os 45 dias no Afeganistão. No Capítulo 3 é apresentada uma contextualização geográfica, histórica, e social do Afeganistão, com especial destaque para os antecedentes que levaram à OEF-A e atores presentes em território afegão e adjacente, que estiveram envolvidos nesse acontecimento. Por sua vez no Capítulo 4 é feita uma exposição sobre as FOE envolvidas na operação. Iremos realizar uma análise doutrinária e estrutural, escarpelizar o decorrer de toda a operação nos “45 dias”, referir outros países envolvidos na operação, apresentar um quadro estratégico de cooperação entre a Aliança do Norte e as FOE durante os “45 dias”, e fazer uma análise do período pós “45 dias”.

Na terceira parte, estão presentes o Capítulo 5 – Análise da Relação entre Aliança do Norte e as FOE e o Capítulo 6 – Conclusões. No Capítulo 5 é feita uma análise dos “45 dias” no Afeganistão, tendo em conta a relação estabelecida entre a Aliança do Norte e as

---

<sup>8</sup> Como afirmam Marconi e Lakatos (2003, p.174) “a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias”

<sup>9</sup> Na perspetiva de Marconi e Lakatos (2003, p.183) “abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo”

FOE. No Capítulo 6 são feitas as conclusões deste trabalho, que representam o culminar das três partes anteriormente referidas. Aqui surgem as respostas à questão principal e às questões derivadas, como observado na Figura nº1: Estrutura do Trabalho.

Por último, é exposta a bibliografia consultada.

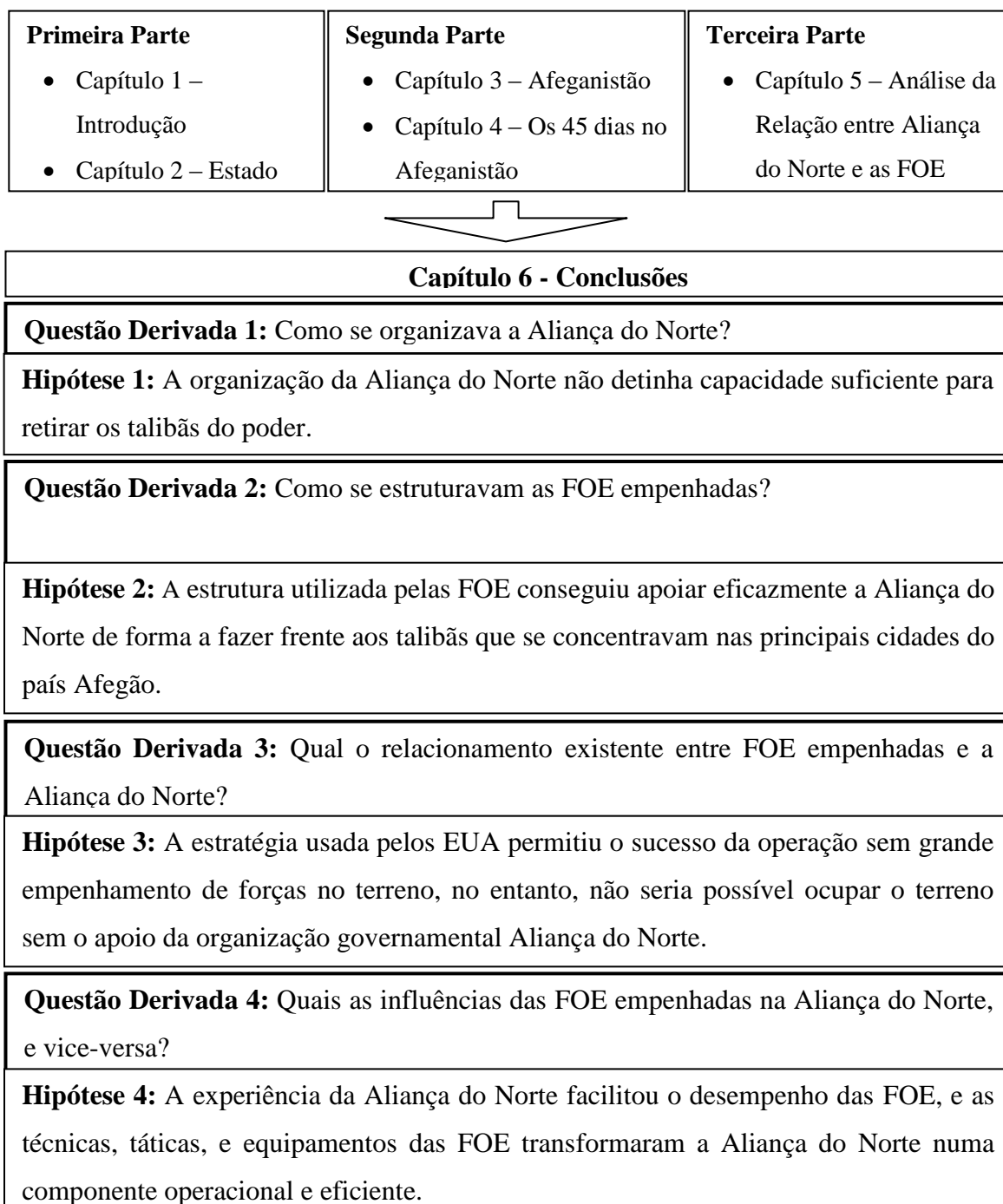


Figura nº 1 – Estrutura do Trabalho

---

## Capítulo 2

### Estado da Arte

No presente TIA é analisada a relação entre os seguintes conceitos: Afeganistão, FOE, OEF-A, Aliança do Norte, talibãs e *Al-Qaeda*. Durante a revisão literária apercebemo-nos que, como afirma Wright (2010), a literatura sobre esta campanha em particular não está bem desenvolvida, dado que é um acontecimento recente e muita da informação ainda está classificada como reservada.

Relativamente à descrição de toda a fase de planeamento anterior à operação, e ao desenrolar da mesma até 2005, utilizámos, essencialmente, a publicação de Leigh Neville (2008), *Special Operations Forces in Afghanistan*, da editora inglesa Osprey Publishing<sup>10</sup>, e a publicação de Donald Wright (2010), *A Different Kind of War*, da Combat Studies Institute Press<sup>11</sup>. A história do Afeganistão, a organização e modo de operar dos vários atores intervenientes neste país, está bem explícito na obra de Seth Jones (2010), *In the Graveyard of Empires*, no artigo de Afsar, Samples, e Wood (2008), *The Taliban: An Organizational Analysis*, na obra de Ali Jalali de 2001, *Afghanistan: The Anatomy of an Ongoing Conflict*, no handbook dos Marine Corps Institute, *Afghanistan: An Introduction to the Country and People*, e no relatório da International Affairs & Defense Section de 2001, *11 September 2001: the response*. Para realizarmos a análise geográfica, social, humana e histórica, utilizámos os dados atualizados, do website *The World Factbook* da CIA e o handbook dos Marine Corps Institute, *Afghanistan: An Introduction to the Country and People*.

No que se refere à doutrina e organização das FOE americanas, e a tipologia de missões e modo de operar durante a OEF-A, destacamos o *FM 3-05.20 Special Operation Forces*, publicado em 2001, antes do empenhamento na OEF-A, o *FM 3-05 Army Special Operations Forces*, publicado em 2006, que explica que as FOE do Exército Americano de um modo mais alargado, e o *PDE 3-09-00 Operações Não Convencionais*, publicado em 2010, que fornece algumas definições essenciais para a compreensão da atuação das FOE.

Outras referências com relevância são os relatórios de 2001 da International Affairs & Defense Section, o *11 September 2001: the response* e o *Operation Enduring Freedom*

---

<sup>10</sup> Nesta obra podemos encontrar uma breve descrição das operações realizadas pelas FOE no Afeganistão entre outubro e dezembro de 2001 e a *Operation Anaconda* em 2002. Apresenta-se também como uma importante obra no que toca ao armamento e equipamento utilizado durante estas operações

<sup>11</sup> Esta publicação é o primeiro estudo extenso sobre o empenhamento do Exército Americano no Afeganistão durante os primeiros quatro anos da OEF

*and the Conflict in Afghanistan: An Update*, que relatam os momentos seguintes aos atentado de 11 de setembro de 2001.

Numa referência a trabalhos académicos, importa destacar a dissertação de mestrado académico em relações internacionais de Bernardo Jorge (2009), *As Forças de Operações Especiais dos Estados Unidos e a Intervenção no Afeganistão: Um Novo Modo de Guerra Americano?*, e a monografia do Major Isaac Peltier do Exército Americano (2005), *Surrogate Warfare: The Role of U.S.Army Special Forces*.

---

## Capítulo 3

### O Afeganistão

#### 3.1 Enquadramento Geopolítico

Para uma melhor compreensão da dinâmica de um país, é essencial uma análise geográfica, social, humana, e histórica. O Afeganistão é um país com características físicas e humanas muito específicas, como iremos explicar no presente subcapítulo. Esta análise adquire um particular interesse neste trabalho, já que estas características tiveram importante influência no modo de operar neste país. Aos soldados que combateram neste TO, impuseram-se duas barreiras principais – a configuração do terreno, e comunicação (língua, cultura e religião). As presentes propriedades exigiram uma elevada adaptação a todas as forças envolvidas. À preocupação do desenvolvimento tecnológico das forças armadas, aliou-se uma outra, a capacidade de adaptação dos soldados à cultura. Para além dos conhecimentos linguísticos, foi necessária formação sobre a religião e relacionamento interpessoal, de forma a mostrar à população afegã que o inimigo, neste combate, era o terrorismo e não o islamismo ou os muçulmanos.

##### 3.1.1 Fator Físico

O estudo do terreno é um ponto importante na formulação das técnicas e táticas a utilizar no Teatro de Operações (TO). Desta forma, e para uma melhor compreensão de toda a OEF, iremos apresentar, neste item de subcapítulo, algumas características geográficas do Afeganistão bastante específicas.

Dada a sua configuração, essencialmente montanhosa, não ter costa marítima, e a escassez de vias de comunicação, a geografia do Afeganistão apresentou-se como um dos principais obstáculos a toda a operação, assim como havia já sido para outras forças que tentaram entrar no país (Wright, 2010).

A República Islâmica do Afeganistão, ou Afeganistão, assume uma posição estratégica no Sul do continente Asiático, dado apresentar-se como uma plataforma/barreira que faz a ligação entre a Ásia Central, a Ásia do Sul e o Médio Oriente. Faz fronteira a este com a China e Paquistão, a sul com o Paquistão, a oeste com o Irão, e a

norte com o Turquemenistão, Uzbequistão e Tadjiquistão (c.f. Anexo A: Mapa das províncias do Afeganistão) (Jones, 2010).

O Afeganistão é constituído por 34 províncias, sendo Cabul a capital. Tem uma área total de 652.230 km<sup>2</sup>, sete vezes maior que a área total de Portugal. O terreno apresenta-se, na sua maioria montanhoso, com algumas planícies a norte e sudoeste. A cordilheira de *Hindu Kush* atravessa o país de nordeste a sudoeste e separa as províncias do norte do resto do país. Devido ao terreno acidentado, as vias de comunicação neste país são escassas e de péssima qualidade, sendo que a cordilheira de *Hindu Kush* dificulta em muito a travessia na parte central do país. A principal via de comunicação é a *Ring Road*, uma rede de estradas que descreve uma circunferência ao centro do Afeganistão e faz a ligação entre as principais cidades<sup>12</sup> (c.f. Anexo B: Vias de comunicação no Afeganistão) (Wright, 2010; Central Intelligence Agency, 2013).

O clima é semiárido, no verão atinge temperaturas de 49 graus celcius nas zonas de baixa cota, e no inverno os 26 graus celcius negativos nas zonas de cota elevada. A nível hidrográfico, o Afeganistão, é constituído por quatro rios<sup>13</sup> principais, todos com origem na cordilheira de *Hindu Kush*, à exceção do rio *Amu Darya*, que nasce nas montanhas Pamir. O ponto de cota mais alto situa-se na cordilheira de *Hindu Kush* – o cume de *Noshak* com 7485 metros, e o ponto mais baixo localiza-se no rio de *Amu Darya*, com uma cota de 285 metros (Wright, 2010; Central Intelligence Agency, 2013).

O relevo acidentado, a má qualidade das vias de comunicação, ser um país sem costa marítima e o clima de extremos são características que tornam este país num dos mais difíceis ao desenvolvimento de operações militares. Fisicamente, estas foram as principais dificuldades que as forças que operaram na OEF encontraram, nomeadamente no que se refere à infiltração e mobilidade em solo afegão (Telo & Pires, 2013).

### 3.1.2 Fator Humano

Assim como a configuração do terreno, também o estudo da população, a sua cultura, religião e língua, se apresentam determinantes para a compreensão da atuação das

---

<sup>12</sup> A sudoeste faz a ligação entre Cabul e Kandahar, daí faz a ligação para Farah a oeste e para Herat a norte. De Herat faz a ligação para Konduz a este e Mazar e Sharif ao centro norte (Wright, 2010)

<sup>13</sup> O Rio Cabul, que corre para este em direção ao Paquistão, o rio Helmand que corre para sul e sudeste em direção ao Irão, o rio Hari Rud que corre para oeste em direção ao Turquemenistão, e o rio Amu Darya que marca uma parte da fronteira do Afeganistão com o Tadjiquistão, Uzbequistão e Turquemenistão. De todos, apenas o rio Amu Darya é navegável todo o ano (Ministry of Foreign Affairs)

---

forças empenhadas na OEF, principalmente o Afeganistão que é provido de grande multiétnicidade e multiculturalidade. No presente item de subcapítulo iremos explicar com maior detalhe, a multiculturalidade e o radicalismo islâmico que são dois dos principais obstáculos encontrados pelas forças que atuaram em solo afegão (International Affairs & Defence Section, 2001a).

A mentalidade do povo rural e urbano era bastante divergente, como afirma Sobral (2011, p.66) o Afeganistão possui “um enorme contraste entre a ruralidade e a urbanidade (...) e os desafios operacionais desta radical diferença muitas vezes não são entendidos por efetivos militares, já que eles próprios são por sua vez oriundos de uma realidade urbana moderna”.

Os conflitos ocorridos anteriormente a 2001 resultaram num número incalculável de baixas, sendo, portanto, complicado indicar a dimensão populacional do Afeganistão, com exatidão. No entanto, dados referentes ao ano de 2001 estimam que o número populacional afegão, nesta data, rondava entre os 23 milhões e os 26 milhões (International Affairs & Defence Section, 2001a).

As principais ocupações profissionais no Afeganistão são a agricultura, a pastorícia, a indústria de transformação, e a indústria de mineração. Uma grande percentagem da população é agricultora e cultiva, para uso próprio ou para venda. Ainda dentro das ocupações não industriais, as atividades mais praticadas são a pastorícia, seguindo-se a silvicultura e a pesca. A indústria da transformação é a segunda grande área ocupacional, seguida do comércio e da indústria de mineração. Por norma, os praticantes da pastorícia são nómadas, muitas das vezes, os principais portadores de informação e notícias (Marine Corps Institute, n.d.).

O Afeganistão é provido de uma panóplia de etnias e tribos, o que contribui para a falta de coesão social e união nacional. Relativamente às etnias, o Afeganistão divide-se em cinco principais etnias: pashtun, tadjiques, uzbeques, hazara, e os aimak (c.f. Anexo C: Mapa das etnias afegãs). Os pashtun, grupo étnico mais predominante, constitui 42% da população total afegã. Esta etnia estende-se desde o oeste do Paquistão<sup>14</sup> até ao sul do Afeganistão, controlando cidades afegãs como *Farah*, *Nimruz*, *Helmand*, *Kandahar*, *Zabul*, *Paktika*, e *Paktia*. Como afirma Santos (2011, p.31) “os *pashtun* seguem o islamismo mais extremista, constituem os militantes taliban e opõem-se aos ocidentais,

---

<sup>14</sup> Um dos principais fatores aglutinadores da população paquistanesa é a religião. Visto que no Paquistão existe uma grande percentagem de *pashtun* percebe-se a razão pela qual o Paquistão aceitava os talibãs como legítimo governo afegão (Sobral, 2011)

---

tanto no Afeganistão como no Paquistão”. Os *pashtun* seguem um código tribal específico denominado, de acordo com Sobral (2011, p.59-60), “*pashtunwali*, este é particularmente vocacionado para a resolução de disputas, ou para a regulação de guerras tribais, possuem uma série de regulamentos que tentam trazer alguma ordem para dentro das lutas fratricidas que assolam a realidade violenta do Afeganistão”.

A etnia *tajique*, muito ligada ao Tadjiquistão, está presente em diversos países da Ásia Central, e constituem entre 20% a 25% da população total afegã. No território afegão, concentram-se principalmente na zona norte e oeste, e são uma maioria nas cidades de *Herat*, *Mazar e Sharif*, *Ghazni*, e Cabul (Sobral, 2011).

Os uzbeques, também têm uma significativa representação nos países da Ásia Central, principalmente no Uzbequistão. No Afeganistão estes representam 10% da população total afegã, e concentram-se a Norte do país, predominantemente nas cidades de *Konduz e Mazar e Sharif* (Sobral, 2011).

Os *hazara* constituem 9 % da população total afegã, e localizam-se essencialmente na zona centro do país, nomeadamente, nas províncias de *Bamyan e Oruzgan*. Os *hazara* foram uma das etnias mais discriminadas durante o domínio talibã, visto praticarem o islamismo *Shia* (Sobral, 2011; Central Intelligence Agency).

A etnia *aimak* é de origem turcomana, sendo constituída por outras várias etnias, principalmente, *hazara e baloch*. No Afeganistão, representam 4% da população, com localização essencialmente nas províncias de *Herat, Ghor, e Badghis* (Sobral, 2011; Central Intelligence Agency).

Além destas cinco etnias com maior representação em território afegão, existem outras com menor prevalência, nomeadamente, os turcomanos, os *baloch*, os *nuristani*, os *pashai*, os *brahuis*, os *pamiris*, os *kyrgyz*, e hindus (Sobral, 2011).

Esta diversidade cultural obriga os soldados presentes na OEF a uma preparação cultural neste âmbito, de modo a serem capazes de adotar diferentes estratégias, de acordo com o local onde se encontram, e de forma a não comprometerem o cumprimento da missão (Sobral, 2011; Central Intelligence Agency, 2013).

A religião predominante é o islamismo, e apesar do povo afegão partilhar da mesma religião, existe também aqui uma divergência entre os praticantes da forma *Sunni* e da forma *Shia*. Cerca de 80% da população é muçulmana *Sunni* e o restante muçulmana *Shia*. A religião praticada no Afeganistão apresenta-se como um fator essencial quando se estuda este país, pois um dos princípios do islamismo é defender as suas terras de todos os não-

---

muçulmanos. Dado que os militares das forças empenhadas na OEF são oriundos de países católicos, esta característica apresentou-se como mais uma barreira à penetração em solo afegão, para derrubar o regime talibã (Marine Corps Institute, n.d.; Wright, 2010; Central Intelligence Agency)

A língua oficial afegã é a *pashtun*, usada por 35% da população, e também usada no norte do Paquistão. O *dari*, também língua oficial afegã, é utilizado por 50% da população, sendo considerada a língua dos negócios. No entanto, além destas, existem muitas outras línguas sem dominância significativa, mas com relevância para este trabalho, já que a complexidade linguística se apresenta como mais uma adversidade para as forças empenhadas na OEF. Para estes homens o domínio do *dari* e do *pashtun* é insuficiente para as comunicações e recolha de informações importantes (Sobral, 2011; Central Intelligence Agency, 2013).

### 3.2 Contextualização histórica

A história deste país começa a ser escrita através dos Aqueménides, em 500 a.C., ligando este país ao império persa, que só se torna independente no século XIX. Dentro do império persa, o Afeganistão era uma das províncias mais importantes devido às qualidades de guerreiro que este povo apresentava (Sobral, 2011).

O Afeganistão é zona de passagem de excelência entre o continente asiático e o ocidente. Esta posição geográfica estratégica torna o Afeganistão num país muito cobiçado, principalmente entre a Rússia e o Reino Unido, que no século XIX fizeram deste país um local de disputa pela hegemonia na Ásia. Esta disputa ficou conhecida como o *Great Game*. O Reino Unido lutava pela posse das suas colónias no continente indiano, e a Rússia via o Afeganistão como uma rampa de lançamento para a consolidação do seu império. Entre 1839 e 1919, o Reino Unido travou, em território afegão, três grandes guerras contra a influência russa na região, mas mais importante contra a independência afegã (Jones, 2010; Sobral, 2011).

A primeira guerra Anglo-Afegã, de 1839 a 1842, consistiu-se como uma tentativa de impor um governo controlado pelos britânicos. Este confronto foi um fracasso total para as forças britânicas, que se viram obrigadas a retirar do território, devido aos ataques da população local. A segunda guerra Anglo-Afegã teve início em 1878 e culminou com a

batalha de *Kandahar*, em que as forças britânicas derrotaram o Emir<sup>15</sup> *Ayub Khan*. Após este impasse, em 1893, os britânicos propuseram um acordo aos afegãos que delimitava a fronteira entre o Afeganistão e a Índia Britânica, conhecida como Linha *Durand*. A terceira guerra Anglo-Afegã, iniciada a 1919, findou a 8 de agosto desse mesmo ano, com o Tratado de *Rawalpindi*, reconhecendo assim a independência do Afeganistão os limites fronteiriços tal como as conhecemos atualmente (Jones, 2010).

Em abril de 1978, um grupo de militares com influências comunistas, conduziu o golpe de estado que ficou conhecido como a Revolução de *Saur*. Após terem derrubado o governo, este grupo assumiu o poder político, instaurando um regime comunista denominado de Partido Democrático Popular Afegão (PDPA). As mudanças de carácter marxista operacionalizadas por este regime cativavam a população urbana, no entanto, nas áreas mais rurais não existiam tantos adeptos<sup>16</sup>, facto que originou alguns motins. Preocupados com esta instabilidade e que pusesse em causa o movimento comunista no Afeganistão, os soviéticos deram origem ao momento que definiu a história moderna afegã, e foi responsável pelos eventos seguintes – a Invasão Soviética em 1979 (Jones, 2010; Wright, 2010).

A 27 de dezembro de 1979, os soviéticos, decidiram invadir o Afeganistão com um contingente de 30.000 soldados, afirmando que iriam eliminar o anticomunismo *mujahideen*<sup>17</sup> em poucos meses. Com o decorrer do tempo, a manutenção do controlo do Afeganistão começou a adquirir um carácter de interesse estratégico para os líderes soviéticos por duas razões: a primeira prendia-se com o facto de que o Afeganistão servir como uma espécie de fortificação para travar a revolução do islamismo radical que se fazia sentir naquele ano; a segunda relacionava-se com o facto de que a invasão no Afeganistão iria mostrar aos outros países adjacentes à União Soviética que qualquer tentativa de sair do seu domínio iria ser fortemente penalizada (Neville, 2008; Jones, 2010; Wright, 2010).

A tarefa de eliminar os *mujahideen*, não se mostrava tão fácil, como os soviéticos tinham afirmado. Além de que, em 1986, os governos americano e paquistanês decidiram apoiar, clandestinamente, as forças de guerrilha, o que alterou o contexto do conflito. Os americanos equiparam os *mujahideen* com armamento sofisticado, que fez frente aos ataques aéreos soviéticos. O governo paquistanês além de permitir que este grupo de rebeldes criasse quartéis-generais na região noroeste do seu território, incitaram os

<sup>15</sup> Significa Comandante em árabe, era o título dado aos oficiais de alta patente (Dictionary.com, 2013)

<sup>16</sup> Que se traduzia no grupo de *mujahideens*

<sup>17</sup> Força de guerrilha composta por muçulmanos que lutavam contra o comunismo (Jones, 2010)

*mujahideen* de todo o mundo islâmico a juntarem-se à causa das forças de guerrilha afegãs para expulsarem os soviéticos do Afeganistão. Dezenas de milhares de muçulmanos de 43 países islâmicos do Médio Oriente, Africa e Ásia central estiveram ao auxílio dos *mujahideen* afegãos (Rashid, 2001; Neville, 2008; Wright, 2010).

Durante os dois anos que se seguiram, a União Soviética aumentou o seu número de militares empenhados no campo de batalha, mas estes não eram capazes de derrotar o grupo de rebeldes anti comunista, pelo que, também devido à pressão internacional, os soviéticos foram obrigados a sair do Afeganistão, em 1989. Estima-se que cerca de um milhão de Afegãos tenham morrido, e mais de três milhões de pessoas tenham sido obrigadas a abandonar as suas casas, para evitar serem mortas. Esta invasão, responsável por desequilíbrios que ainda hoje perduram, esteve também na génese da formação de organizações de cariz religioso, como o islamismo radical, que caracterizam o atual conflito afegão (Jones, 2010; Wright, 2010; Sobral, 2011).

A derrota soviética deveu-se, em muito, à incapacidade de adaptação à forma de combater dos *mujahideen*. Como afirmam Telo e Pires (2013, p.39) “a União Soviética entrou no Afeganistão com armas pesadas e uma doutrina convencional para travar uma luta anti-subversiva (...), uma guerra que tinha fortes componentes culturais e religiosas”. Além de incapazes de se adaptarem a uma luta anti subversiva, os soviéticos também não souberam combater as armas antiaéreas portáteis utilizadas pelos *mujahideen* (Telo & Pires, 2013).

Os soviéticos retiraram-se do território afegão, no entanto, deixaram no poder *Najibullah Ahmadzai*<sup>18</sup>, que era manipulado pelo governo soviético. A vontade de derrubar o governo, por parte dos *mujahideen*, e com ela a guerra civil que se estendia desde 1978, continuou. Durante este período existiam dois grupos *mujahideen* que importa conhecer<sup>19</sup>: *Hezb-i-Islami*, liderada por *Gulbuddin Hekmatyar*<sup>20</sup>, e constituída 75% por *pashtun*, e a *Jamiat-i-Islami*, liderada por *Burnahuddin Rabbani*<sup>21</sup> com auxílio do General *Ahmed Shah Massoud*<sup>22</sup>, e composta, essencialmente, por tadjiques e uzbeques. Em 1992 o governo de *Najibullah* cai, e sobe ao poder um governo puramente islâmico. A liderança neste novo governo era feita através da rotação pelos grupos *mujahideen*. A instabilidade continuou

<sup>18</sup> Este governo era apoiado pela União Soviética e por isso considerado um governo fantoche (Neville, 2008)

<sup>19</sup> Dois dos grupos que constituíram as forças anti talibãs (Afsar, Samples, & Wood, 2008)

<sup>20</sup> Afegão de etnia *pashtun*, exerceu as funções de Primeiro-ministro no governo de *Rabbani*. Islamita radical e considerado como uma pessoa pouco confiável (Jones 2010)

<sup>21</sup> De etnia tadjique, exerceu funções de Presidente do Afeganistão, e constituiu-se aquando do aparecimento da Aliança do Norte, um importante membro (Jones 2010)

<sup>22</sup> De etnia tadjique, respeitado pelas suas capacidades táticas militares (Jones 2010)

---

porque cada uma procurava pelo poder absoluto, sucedendo até, um conflito armado, entre o Presidente *Rabbani* e o seu Primeiro-ministro *Hekmatyar*, que quase destruiu a capital. A população estava muito insatisfeita e qualquer governo que surgisse que conferisse alguma estabilidade seria aceite e apoiado. (Jones, 2010; Wright, 2010; Marine Corps Institute, n.d.).

Estavam criadas as condições para o surgimento de um movimento de um grupo de estudantes islâmicos, conhecidos como Taliban

### 3.3 Atores Afegãos

No presente subcapítulo iremos fazer uma abordagem aos três principais atores presentes no Afeganistão, sendo eles, os talibãs, a Aliança do Norte, e a *Al-Qaeda*. Iremos primeiramente caracterizar os talibãs, o surgimento deste movimento, como se estruturaram e o que procuram. De seguida iremos analisar a Aliança do Norte, visto que, foi o movimento criado para fazer frente aos talibãs, e a força armada auxiliada pelos EUA na OEF. Por último, iremos abordar a organização liderada por *Usama bin Laden*, a *Al-Qaeda*, dado que este foi o responsável pelo ataque que levou os EUA a iniciarem a OEF.

O movimento talibã surgiu em 1994, quando o Afeganistão atravessava um momento de grande insegurança, falta de autoridade e destruição, resultado da invasão Soviética e da guerra civil de 1992. Os desentendimentos entre os senhores da guerra e o descontentamento da população afegã abriu as portas, em setembro, às ideias radicais de um pequeno grupo de estudantes muçulmanos, que decidiu juntar-se para estabelecer a lei e ordem, defender a integridade do islamismo no país, e estabelecer um governo islamita. Este grupo surgiu nos campos de refugiados *pashtun*, no Paquistão, pelo que as suas ideologias resultavam de uma interpretação modificada e seletiva do *wahhabism*<sup>23</sup>, e assentavam numa perceção muito conservadora das questões sociais e políticas. Os talibãs eram na sua maioria de etnia *pashtun sunni*, e devido à sua origem paquistanesa estavam muito mais ligados aos *pashtun* que habitavam no Paquistão do que no Afeganistão, o que se traduzia numa discriminação de todas as outras etnias afegãs<sup>24</sup> (Afsar, Samples, & Wood, 2008).

---

<sup>23</sup> Uma das formas do islamismo, além da *Sunni* e *Shia*, criada por *Muhammed Ibn Abdul Wahhab*, responsável também por reintroduzir a lei *Sharia* na Península Arábica (Afsar, Samples, & Wood, 2008)

<sup>24</sup> Este grupo, formado por todas as outras etnias, constitui-se naquilo que no ocidente conhecemos como Aliança do Norte (Jones, 2010)

Como refere Rashid (2001) os talibãs rejeitavam qualquer tipo de nacionalismo, etnias ou classes feudais, em ordem a uma nova forma de islamismo internacional que reunisse todos os muçulmanos do mundo. Surge assim uma ambivalência na ideologia talibã, já que algumas medidas tinham em conta os muçulmanos afegãos mas outras não. *Rashid* afirma ainda que a interpretação talibã do islamismo é anómala, já que a sua ideologia não é pura e não emerge das tendências islamitas contra a guerra soviética, mas sim em ideias que surgiram no Afeganistão entre 1979 e 1994.

A atitude talibã era violenta mas mostrava-se extremamente eficaz, tanto no estabelecimento da lei e ordem, como a lidar com o tráfico e consumo de heroína que se havia instalado no país como forma de subsistência (Wright, 2010).

Após a sua criação, os talibãs tiveram uma grande e rápida expansão, tendo já em fevereiro de 1995, capturadas nove das trinta províncias afegãs. No outono de 1996, os talibãs invadiram Cabul, mataram *Najibullah* e capturaram a capital. Em 1998, capturaram *Mazar e Sharif* e a 5 de setembro de 2000 a cidade de *Taloqan* (c.f. Anexo D: Conquistas talibãs no Afeganistão). Em aproximadamente seis anos os talibãs dominaram 85% a 90% do território Afegão (Jones, 2010).

Um dos objetivos talibãs era formar um emirado<sup>25</sup> islâmico baseado na *Sharia*<sup>26</sup>. A interpretação conservadora que os talibãs faziam da *Sharia*, levou a que estes tomassem algumas medidas como, a proibição de acesso ao ensino ou trabalho às mulheres, a obrigação ao uso da burca e a destruição de algumas fontes culturais, como por exemplo os Budas de *Bamyan*<sup>27</sup>. As suas medidas eram tão abusivas que a 28 de setembro de 1996 passaram na Rádio Cabul uma mensagem alertando toda a população que ladrões e adúlteros iriam ser severamente punidos. Relativamente à produção de ópio, em 1997 os talibãs detinham cerca de 96% das plantações de papoilas e fomentaram o comércio para os países vizinhos. *Abdul Rashid*<sup>28</sup> afirmava que o comércio de ópio era permitido, visto ser consumido pelos ‘infieis’ do oeste, e não pelo povo afegão (Marine Corps Institute, n.d.; Jones, 2010).

Relativamente à relação estabelecida com os talibãs, importa referir dois países de destaque – o Paquistão e o Irão. O Paquistão era um dos maiores contribuintes para a consolidação do movimento talibã, em particular, certos grupos da população paquistanesa e alguns refugiados afegãos que viviam perto da fronteira entre o Afeganistão e Paquistão.

<sup>25</sup> Território controlado por uma entidade muçulmana, denominada emir (Dictionary.com, 2013)

<sup>26</sup> Lei religiosa islâmica definida no Alcorão (Afsar, Samples, & Wood, 2008)

<sup>27</sup> Com mais de 2000 anos, considerado o maior tesouro arqueológico afegão (Jones, 2010)

<sup>28</sup> Líder talibã da força contra narcótica (Neville, 2008)

Apesar do governo paquistanês ter ajudado os EUA, e por sua vez os EUA terem ajudado o Paquistão, tanto a nível financeiro como militar, o Paquistão reconhecia os talibãs como o governo legítimo do Afeganistão. Por outro lado, o Irão opunha-se ao movimento talibã. Como resultado da morte de alguns diplomatas e jornalistas iranianos perto de *Mazar e Sharif*, pelos talibãs, o Irão enviou 70.000 militares para a sua fronteira com o Afeganistão com o objetivo de aí desenvolver exercícios militares (Marine Corps Institute, n.d.).

No que diz respeito à estrutura organizacional talibã, esta difere entre o período pré e pós 11 de setembro. Antes do ataque de 11 de setembro de 2001 os talibãs organizavam-se e operavam de forma convencional e centralizada, após este acontecimento começaram a adotar uma organização menos centralizada, dando mais poder e independência aos comandantes locais. Esta mudança foi originada pelo aumento das atividades de insurgência, assim, cada grupo poderia responder da forma mais adequada a cada situação. O líder talibã é *Mullah Muhammad Omar* e tinha em seu auxílio um conselho de governantes, denominado de *Shura*<sup>29</sup> talibã. Esta organização funciona da seguinte forma: um pequeno grupo apoia e coopera com a organização talibã principal, e esta, por sua vez concede-lhe alguma forma de reconhecimento. Este novo grupo apoia a estratégia da organização talibã, mas mantém a sua liberdade de ação local (Afsar, Samples, & Wood, 2008).

No fim de 2001, os talibãs tinham um efetivo entre os 40.000 a 50.000 combatentes. No seu movimento podemos encontrar três tipos de elementos: os talibãs afegãos, os talibãs não afegãos, e forças da *Al-Qaeda*. O armamento utilizado era todo aquele que havia sido recolhido de conflitos anteriores, essencialmente, espingardas automáticas AK-47, mísseis e armas antiaéreas, lança foguetes, morteiros, e alguns carros de combate da época da invasão soviética (Biddle, 2002; Wright, 2010).

Entre a população afegã residiam alguns elementos anti talibãs que decidiram unir-se e organizar-se para combater o movimento talibã. *Jabha-yi Muttahid Islami Milli Bara-yi Nijat Afghanistan*, ou Aliança do Norte, foi o nome dado a este movimento de resistência armada contra os talibãs. Em resposta à ascensão talibã em 1994 e por consequência do domínio étnico *pashtun*, todas as restantes etnias afegãs<sup>30</sup> decidiram juntar-se, e criar esta aliança em 1996 (Sobral, 2011).

<sup>29</sup> Palavra árabe que significa um conselho de consultores (Dictionary.com, 2013)

<sup>30</sup> Devido à composição étnica dos talibãs ser essencialmente *pashtun Shia*, estes exerciam uma forte discriminação sobre todas as outras etnias afegãs (Jones, 2010)

No outono de 2001, o comandante militar da Aliança do Norte era o General *Ahmad Shah Massoud*, mas a 9 de setembro de 2001, *Dahmane Abd al Sattar* e *Bourouai el Ouaer*, dois membros da *Al-Qaeda*, fizeram-se passar por jornalistas belgas, e numa entrevista com *Massoud* fizeram detonar uma câmara de filmar equipada com explosivos, assassinando o General e um dos seus assistentes. A *Al-Qaeda* eliminava assim o aliado afegão mais próximo dos EUA (Jones, 2010).

A Aliança do Norte dividia-se em três facções principais. *Jamiat-i Islami-yi Afghanistan*, a facção com mais efetivo, era constituída por tajiques e comandada pelo General *Mohammed Fahim Khan*. A oeste do Afeganistão, nas províncias de *Ghor* e *Herat*, forças tajiques também pertencentes à *Jamiat-i* eram comandadas pelo General *Mohammed Ismail Khan*. (Human Rights Watch, 2001; Symon, 2001).

*Junbish-i Milli-yi Islam-yi Afghanistan*, era a segunda facção mais importante, e constituía-se por uzbeques e antigas milícias do regime comunista<sup>31</sup>. Esta era comandada pelo General *Abdul Rashid Dostum*, o líder da milícia mais poderosa do governo de *Najibullah* que desertou após a guerra civil de 1992 e regressou ao Afeganistão em abril de 2001. (Human Rights Watch, 2001; Symon, 2001).

*Hizb-i Wahdat-i Islami-yi Afghanistan*, era a terceira facção da Aliança do Norte, composta, essencialmente, por combatentes da etnia Hazara. Esta facção era liderada pelo atual vice-presidente do Afeganistão, *Karim Khalili*. (Human Rights Watch, 2001; Symon, 2001).

Além destas, existiam ainda alguns grupos islamitas de *pasthuns* que se opunham ao regime talibã e decidiram aliar-se à Aliança do Norte. Estes grupos concentravam-se, essencialmente, na zona sul e este do país. As principais figuras representativas destes grupos eram, *Abdul Rasul Sayyaf*, *Gul Agha Sherzai*, e *Hamid Karzai*. *Sayyaf* comandava a *Ittihad-i Islami Bara-yi Afganistan*, e apesar de ser um islamita conservador, ele considerava que os talibãs estavam a deixar que a *Al-Qaeda* tomasse conta do país, e como tal decidiu aliar-se à Aliança do Norte (Katzman, 2011).

Antes dos talibãs expandirem o seu domínio por todo o território afegão, o Norte do país estava sob o controlo da Aliança do Norte e dividido em quatro zonas administrativas principais: *Mazar e Sharif* e *Taloqan* sob o controlo do *Massoud*; *Shiberghan* sob o controlo do General *Dostum*, e *Bamian* onde estava sediado o quartel general do *Karim Khalili*. Apesar de todos fazerem parte da Aliança do Norte não havia um entendimento

<sup>31</sup> Que estiveram presentes na guerra civil de 1992 contra o governo do Presidente *Najibullah* (Human Rights Watch, 2001)

---

entre estes senhores da guerra. Estes rejeitavam fundir as suas milícias e estruturas de comando, além de que não detinham qualquer tipo de estratégia conjunta para erradicar os talibãs. O líder desta aliança era o tajique *Burhanuddin Rabbani* (Human Rights Watch, 2001; Symon, 2001).

Como afirma Wright (2010), a Aliança do Norte, antes da intervenção americana, era mal treinada e mal equipada, sem capacidade para derrubar o regime talibã. Jalali (2001) acrescenta que a Aliança do Norte era composta por uma heterogeneidade confusa de grupos armados, desde antigos grupos *mujahideen*, até pequenos grupos étnico-regionais que se opõem aos talibãs, essencialmente de etnia não *pashtun*. A International Affairs & Defence Section (2001a) refere que os efetivos desta organização rondavam entre os 12.000 e os 15.000 no nordeste do país, com mais 10.000 de combatentes, que se distribuíam pelo norte, centro e oeste do Afeganistão.

Analisados dois dos atores mais importantes presentes no Afeganistão, iremos por último estudar a organização responsabilizada pelo atentado de 11 de setembro 2001. A *Al-Qaeda*, formou-se em agosto de 1988, por *Usama bin Laden* em *Peshawar*<sup>32</sup>. *Usama bin Laden* nasceu em Riade, na Arábia Saudita em 1957, filho de um magnata de sucesso. Durante os anos oitenta desempenhou um papel relevante na resistência à invasão Soviética no Afeganistão. A *Al-Qaeda*, organização islâmica, formou-se através do recrutamento e treino de combatentes, e angariação de fundos para auxiliar nesta resistência (International Affairs & Defence Section, 2001a).

Os conflitos entre *Usama bin Laden* e os EUA iniciaram-se com invasão do Iraque ao Kuwait em 1990, quando o primeiro decidiu oferecer ajuda a este país, afirmando que os kuwaitianos não precisariam de ajuda dos EUA, nem de outros militares não muçulmanos. A relação de *bin Laden* com os EUA e o governo saudita tornou-se intolerável aquando da Guerra do Golfo, em que *bin Laden* considerou uma falta de respeito, o facto de o Kuwait aceitar a ajuda dos EUA. Em 1992, devido a todos os acontecimentos, o governo saudita decidiu expulsar *Usama bin Laden* do país, refugiando-se este no Sudão (Jones, 2010).

Em 1996, o líder da *Al-Qaeda* regressou ao Afeganistão depois de ter sido forçado a abandonar o seu abrigo no Sudão. Quando se instalou em solo afegão, *bin Laden* rapidamente fortaleceu a colaboração entre a *Al-Qaeda* e os talibãs através da oferta de viaturas, construção de estradas e recrutamento do maior exército *jihadist* dos tempos

---

<sup>32</sup> Cidade localizada no norte do Paquistão

---

modernos, a Brigada 055 da *Al-Qaeda*. Como moeda de troca, os talibãs forneciam guarida e proteção à *Al-Qaeda* (International Affairs & Defence Section, 2001b; Jones, 2010).

Em fevereiro de 1998, *Usama bin Laden* publicou numa *fatwa*<sup>33</sup>, em que afirmava ser a obrigação de todos os muçulmanos, matar todos os americanos. Eram apontados três motivos principais para o povo muçulmano odiar o povo americano. O primeiro, a presença de forças militares americanas na península Arábica durante a Guerra do Golfo; o segundo, a intenção americana de destruir os muçulmanos iraquianos com sanções; e o terceiro, o objetivo americano de incapacitar os estados árabes, sustentando os estados apóstatas<sup>34</sup> (International Affairs & Defence Section, 2001b; Jones, 2010).

Os objetivos da *Al-Qaeda* eram compatíveis com os dos talibãs, e em 2001, a primeira tornou-se uma organização terrorista internacional capaz de conduzir ataques contra os EUA. (Neville, 2008; Jones, 2010).

Como iremos analisar no Capítulo 4, os EUA atribuíram a responsabilidade do ataque de 11 de setembro de 2001 a esta organização terrorista, e dois dos objetivos americanos na OEF-A passavam pela erradicação desta organização e captura do seu líder.

### 3.4 Ambiente Estratégico

No presente subcapítulo iremos fazer uma abordagem ao ambiente que se vivia no Afeganistão aquando do início da OEF-A.

Como relatámos no subcapítulo anterior, o Afeganistão era um estado falhado. As vias de comunicações eram escassas, apresentava um dos rendimentos *per capita* mais baixos, sem condições sanitárias nem sistema de saúde. Desde o século XIX que eram travadas guerras em solo afegão, a população estava insatisfeita e insegura. Os talibãs governavam o país e estavam na posse de cerca de 90% do território, sobrando o restante para a Aliança do Norte. A ação talibã era discriminatória e violenta sobre a Aliança do Norte, que tinha na sua organização o conjunto de senhores da guerra de etnias diferenciadas. Os talibãs abrigaram no seu território a *Al-Qaeda*, concedendo-lhes total liberdade de movimentos, também apoiados financeira e operacionalmente por países como a Arábia Saudita e Paquistão (Rodrigues, 2011).

---

<sup>33</sup> É o termo usado na religião islâmica que se refere a um parecer jurídico ou decreto feito por um líder religioso islâmico (Cambridge University Press, 2013)

<sup>34</sup> Como era o caso de Israel (Jones, 2010)

---

O Afeganistão, como afirma Paul Miller (2011, cit in, Rodrigues, 2011), reunia o pior de vários países: “Anarquia Somali, a pobreza haitiana, as instituições congolenses, a fratura balcânica e o governo norte-coreano”.

Após o ataque de 11 de setembro em Nova Iorque, os EUA reagiram rapidamente no intuito de encontrar pistas sobre quem poderia ser o responsável pelo ataque. Os EUA culpavam a *Al-Qaeda*, que como referido anteriormente, tinha bases no Afeganistão. O governo americano tentou negociar com o governo talibã afegão a entrega de *Usama bin Laden*, no entanto estes recusaram a proposta, o que levou a que os EUA, apesar de recearem um novo Vietname ou um insucesso soviético, desenvolvessem a OEF-A (Stewart, 2006).

Segundo Marine Corps Institute, (n.d.), a estratégia americana nesta operação assentava em quatro pontos:

- Encontrar *Usama bin Laden*;
- Encontrar e destruir os campos de treino da *Al-Qaeda*, que tinham sido instalados no Afeganistão com autorização dos talibãs;
- Derrubar o regime talibã do poder do Afeganistão;
- E por último, recuperar a estabilidade no Afeganistão para reconstruir o país a nível político, económico e social.

### 3.5 Conclusões

O Afeganistão é um estado falhado, com uma governação fraca e corrupta. Considerado por Jones (2010), como o “cemitério dos impérios”, e como afirmam Telo e Pires (2013, p.79):

o Afeganistão era conhecido como o cemitério onde os impérios iam morrer e umas das zonas mais difíceis do Mundo para uma operação militar, com as maiores montanhas do planeta, sem litoral, péssimas comunicações, um clima de extremos e insalubre, a que se juntava um dos rendimentos *per capita* mais baixos, com uma sociedade muito original e diversificada, que tinha na produção do ópio uma das grandes fontes de rendimento.

Além das características físicas do território afegão, também os aspetos culturais e religiosos dificultaram a ação dos soldados empenhados na OEF-A. Aliás, uma das principais características do Afeganistão é a sua multiétnica, que dificultou o trabalho

dos militares, que se viram na necessidade de desenvolver as suas capacidades linguísticas e de adaptabilidade para estarem à altura deste novo tipo de conflitos.

Desde o século XIX que o Afeganistão trava batalhas com diferentes nações, daí que, como apontam os dados da CIA, este país ocupe o sétimo lugar mundial na taxa de mortalidade. O último grande confronto no Afeganistão deu-se aquando da invasão Soviética, desde a qual o país ficou em total destabilização e insegurança. No intuito de contornar este clima de insegurança, surgiram os talibãs, que anunciavam como seu objetivo a imposição de paz no país e a eleição de um novo governo puramente islâmico. Os talibãs prometiam à população o que esta mais desejava, segurança e estabilidade, pelo que a adesão a este movimento foi bastante rápida. Contudo, os talibãs começaram a adotar medidas extremistas e mesmo de discriminação com o próprio povo afegão. Esta situação levou ao surgimento da Aliança do Norte, um movimento anti talibã composto por todos os grupos étnicos discriminados pelos talibãs.

Para piorar a situação do país, os talibãs decidiram abrigar no seu território a *Al-Qaeda*, entidade responsável pelo atentado a Nova Iorque em 2001, e por consequência, receber no seu território uma operação militar de combate ao terrorismo, que se tornou, rapidamente, num combate contra os próprios talibãs. Os EUA não pretendiam envolver-se numa guerra no Afeganistão, já que receavam o insucesso de combater neste território devido às suas características geográficas e políticas. No entanto, *George Bush* não teve outra hipótese, a não ser empenhar a sua força armada no Afeganistão, num combate contra o terrorismo internacional.

## Capítulo 4

### Os 45 dias no Afeganistão

#### 4.1 Introdução

Neste capítulo iremos abordar as FOE Americanas, no intervalo de tempo compreendido entre os dias 19 de outubro e 7 de dezembro de 2001, que apesar de não terem sido as únicas a estar presentes no TO, foram as mais predominantes. No intuito de apresentar a importância que outras forças tiveram neste TO durante o período acima referido iremos também fazer uma breve referência dessas forças num subcapítulo. Na realidade, e apesar de ser conhecido como os “45 dias”, este período teve a duração de 49 dias e está delimitado desde a noite em que a primeira *task force* (TF) pisou o solo afegão e a operação que levou à queda de *Kandahar*. Iremos primeiramente contextualizar o capítulo com uma caracterização das FOE, estrutura de combate na OEF-A e a sua doutrina, de modo a uma melhor compreensão da parte posterior sobre a análise dos “45 dias” e do período pós “45 dias” no Afeganistão.

#### 4.2 Caracterização e Doutrina

Dado que as FOE correspondem a um dos objetos em estudo neste TIA, iremos neste capítulo definir estas forças. No intuito de caracterizar as FOE é de especial importância definir primariamente o que são operações especiais. O JP 1-02 Dicionário de Termos Militares (2010, p.340) define as operações especiais como

operações conduzidas em ambientes hostis, negados ou politicamente sensíveis, para alcançar objetivos militares, diplomáticos, informacionais e/ou económicos, empregando capacidades militares para as quais não há necessidade de uma ampla força convencional. Essas operações requerem frequentemente capacidades encobertas, clandestinas ou de reduzida visibilidade. As operações especiais são aplicáveis em toda a extensão de operações militares. Podem ser conduzidas independentemente ou conjuntamente com operações de forças convencionais ou de outras agências do governo e podem incluir operações por meio de, com ou por forças nativas ou substitutas. As operações especiais diferem das operações convencionais no grau de risco físico e político, técnicas operacionais, modo de emprego, independência de apoio amigo e dependência de inteligência operacional detalhada e nativos ativos.

A OEF-A, em tudo traduz a definição anteriormente citada, visto que as FOE operaram de forma clandestina, conjuntamente com forças nativas, com a Aliança do Norte e outras agências governamentais, como a CIA e as forças convencionais.

As FOE, como afirma Jorge (2009, p.128, cit. in, Gray, 1996, p.190):

têm como seu conceito estratégico a condução de operações heterodoxas de pequena escala e alto risco, que estão fora dos limites da guerra regular. Dependendo criticamente da surpresa – para compensar as suas limitações em efetivo e poder de fogo – as FOE conduzem missões que as forças convencionais não podem ou não conseguem fazer.

As FOE atuam em pequenos efetivos, como iremos constatar no seguinte subcapítulo, para conseguir combater um contingente de maior efetivo precisa obter o que Jorge (2009, p.126, cit. in, McRaven, 1996) aponta como “superioridade relativa” que se traduz numa força ofensiva, de menor número, obter vantagem decisiva sobre uma força adversária defensiva e de maior efetivo. Este autor aponta seis princípios controladores da superioridade relativa, são eles: simplicidade, segurança, repetição, surpresa, velocidade, e propósito.

Telo e Pires (2013) enquadram os “45 dias” da OEF-A no conceito da guerra convencional, considerando os talibãs como uma força regular do Estado afegão. No entanto, as ações desenvolvidas durante a operação enquadram-se no âmbito da guerra não convencional, definida no FM 3-05.20 como: “um vasto conjunto de operações militares ou paramilitares, predominantemente conduzidas por meio de, com, ou por forças nativas ou *surrogate forces* organizadas, treinadas, equipadas, apoiadas, e controladas por uma fonte externa” (p. 2-1). De acordo com esta, as forças nativas<sup>35</sup> são usadas como elementos de condução de guerras não convencionais, que no caso da OEF-A, se traduz no uso das forças nativas anti talibã. Nesta doutrina está definido que as *surrogate forces*<sup>36</sup> podem ser consideradas forças de coligação, pelo que, assim sendo, é conferida a legitimidade à operação militar americana e o direito a apoio internacional (Peltier, 2005).

As operações desenvolvidas pela Aliança do Norte inserem-se nas Operações Irregulares, que o PDE 3-09-00 define como ações de natureza não convencional, executadas por civis e combatentes organizados em forças paramilitares, designadas como Forças Irregulares, contra o poder estabelecido num dado território.

<sup>35</sup> Forças locais, que têm origem, ou que são intrínsecas a uma área ou região (USARMY, 2001)

<sup>36</sup> Força de substituição, ou força que é empenhada na vez de outra (USARMY, 2001)

Dentro das várias missões e tarefas que podem ser executadas pelas FOE importa salientar as ações indiretas desenvolvidas por estas, pois foram essenciais no sucesso de toda a operação. O PDE 3-09-00 define ação indireta como:

todas as atividades que as FOE desenvolvem em território inimigo ou por si ocupado ou controlado, para organizar, instruir, orientar e apoiar Forças Irregulares, e assim, através delas, atuar sobre o inimigo. Ao executarem estas ações, as FOE funcionam como multiplicadores de força, atendendo à capacidade de gerar Forças Irregulares e à aumentada ação de desgaste que estas podem provocar sobre o inimigo. A sua ação junto destas forças tem ainda uma função muito importante, a de coordenar a sua conduta, no sentido do esforço comum (p. 2-5).

No subcapítulo 4.6, onde descreveremos o desenrolar dos “45 dias” da OEF-A, verificaremos as ações indiretas desenvolvidas pelas FOE, nomeadamente, na coordenação das cargas a cavalo da Aliança do Norte com os bombardeamentos do apoio aéreo, e na orientação da conduta dos diferentes senhores da guerra para exercer um esforço comum.

### 4.3 Estrutura para o combate

O Departamento de Defesa Americano criou o *Unified Combatant Command* (c.f. Anexo E: *Unified Combatant Command*) após a 2ª Grande Guerra no intuito de simplificar o comando e controlo. Assim, dividiu geograficamente o globo em diferentes TO, estando estes sob a responsabilidade de um comando, que prepara forças para operar nas suas áreas de responsabilidade. O Afeganistão insere-se na área de responsabilidade do *United States Central Command* (USCENTCOM)<sup>37</sup>. Este comando tem componente exército (*US Army Central*), naval (*US Naval Forces Central Command*), força aérea (*US Air Force Central*), *marine corps* (*US Marine Corps Forces Central Command*), e operações especiais (*Special Operations Command Central [SOCCENT]*). O SOCCENT é o comando que importa realçar pois, dentro do USCENTCOM, é o responsável por planear operações especiais, e exerce controlo operacional das FOE empenhadas (Feickert, 2013).

---

<sup>37</sup>Após a invasão Soviética de 1979 e o episódio dos reféns americanos no Irão em 1979, os EUA perceberam que necessitavam de mais poder nesta região do globo. O Comando Central dos EUA (USCENTCOM), foi estabelecido a 01/01/1983 e constitui um dos cinco comandos americanos que cobrem e dividem o planeta em outras áreas de responsabilidade. Este comando abarca a zona central do globo, entre a Europa e o *United States Pacific Command* (USPACOM). A sua missão é promover a cooperação entre as nações, deter agressões de estados ou não-estados, apoiar no desenvolvimento e restabelecimento da segurança, estabilidade e prosperidade regional (USCENTCOM, n.d)

Como retratado anteriormente, as FOE, pelo seu treino específico, equipamento especializado, e táticas únicas realiza operações que as forças convencionais não são capazes de desempenhar. As FOE empenhadas na OEF-A estruturam-se dentro do *United States Special Operations Command* (USSOCOM). Este comando é responsável pela preparação das FOE na defesa dos EUA e os seus interesses, assim como no planeamento, sincronização e execução de operações contra redes de terrorismo, em conjunto com outras forças em qualquer parte do mundo.

A seguinte Figura nº1 representa a estrutura utilizada na OEF-A.

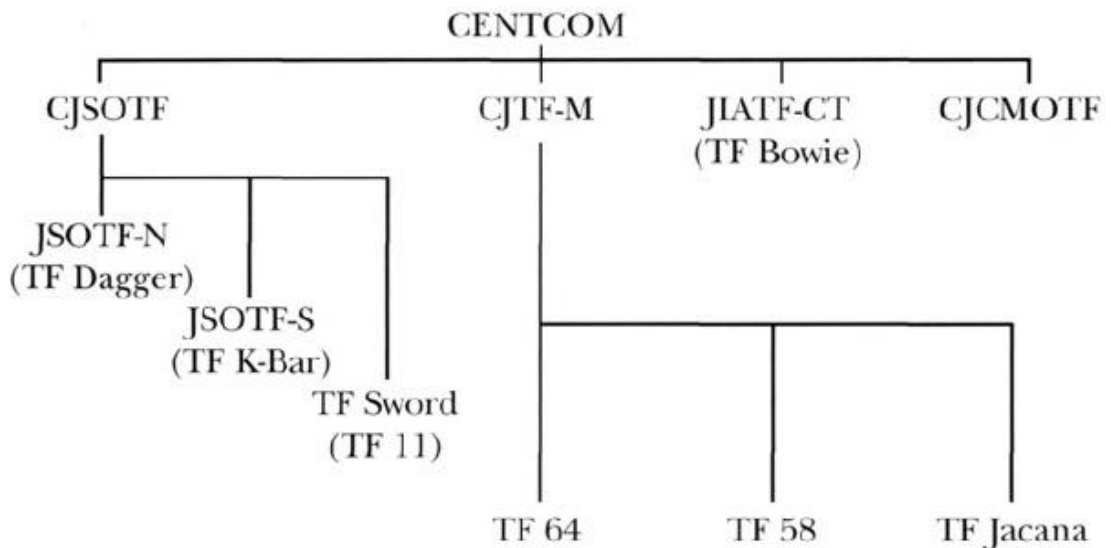


Figura n.º 1 – Organograma da estrutura inicial das FOE na OEF-A

Fonte: Neville, 2008, p.7

O comandante do *Central Command* (CENTCOM) era o General *Tommy Franks*, um experiente militar que já estivera presente na Guerra do Vietname e na Guerra do Golfo. Sob seu comando, estavam quatro TF: a *Combined Joint Special Operations Task Force* (CJSOTF), a *Combined Joint Task Force – Mountain* (CJTF-M), a *Joint Interagency Task Force – Counterterrorism* (JIATF-CT), e a *Coalition Joint Civil-Military Operation Task Force* (CJCMOTF). A CJSOTF era constituída por três TF: *Joint Special Operation Task Force – North* (JSOTF-N), a *JSOTF – South*, e a TF Sword. A CJTF-M era composta por outras três TF: a TF 64, a TF 58 e a TF Jacana (Neville, 2008).

A JSOTF-N ou TF *Dagger* era comandada pelo Coronel *John Mulholland*, e formada, essencialmente, pelo 5º Grupo de Forças Especiais, 160º Regimento de Aviação de Operações Especiais, e alguns elementos da *Special Tactics* do *Air Force Special Operations Command* (AFSOC), responsáveis pelo controlo aéreo. A TF *Dagger*, como iremos explicar mais detalhadamente no subcapítulo 4.6, ocupou uma antiga base aérea de *Karshi-Khanabad*<sup>38</sup> (K2) com o apoio do 1º Batalhão do 87º Regimento de Infantaria da 10ª Divisão de Montanha. A sua missão inicial era coordenar e executar operações de busca e salvamento aos militares da coligação envolvidos na campanha aérea que necessitassem ser evacuados ou socorridos. Após a campanha aérea, começaram a focar-se no estabelecimento de ligações com os “senhores da guerra” da Aliança do Norte e apoiá-los no combate contra os talibãs que ocupavam as principais cidades a norte do país (Neville, 2008; Wright, 2010).

A JSOTF-S ou TF *K-Bar*, comandada pelo Capitão *Navy Sea, Air, Land* (SEAL) *Robert Harward*, era formada essencialmente pelas equipas 2/3 e 8 dos *Navy SEAL* e o 1º Batalhão do 3º Grupo de Forças Especiais. Nesta TF estavam também inseridas FOE de outras nações da Coligação, como a Alemanha com elementos do *Kommando Spezialkräfte*, o Canadá com a *Joint Task Force 2*, a Nova Zelândia com o *1st Special Air Service Group*, e a Dinamarca com elementos do seu exército *Jaegerkorpset*, e da marinha *Fromandskorpset* (Neville, 2008).

A TF *Sword*, era composta por dois batalhões que integram a *Special Mission Unit*<sup>39</sup> (SMU) com elementos do *Combat Applications Group*<sup>40</sup> (CAG) e do *Naval Special Warfare Development Group*<sup>41</sup> (DEVGRU), apoiados por equipas *Ranger*, e especialistas em informação da *Grey Fox*<sup>42</sup>, *National Security Agency* (NSA) e CIA. As FOE da Coligação eram normalmente empregues no apoio a esta TF na execução de operações específicas (Neville, 2008).

A CJTF-M era composta por três TF: a TF64 formada por um esquadrão australiano do *Special Air Service Regiment*, a TF58 formada pelo *15th Marine Expeditionary Unit*

---

<sup>38</sup> Localizada no sudeste do Uzbequistão, com importância nesta operação porque se localiza fora do território afegão, e simultaneamente perto o suficiente para as equipas de forças especiais se infiltrarem nas suas áreas de operações (Wright, 2010)

<sup>39</sup> Termo utilizado para representar um grupo de operações e pessoal de organizações designadas, que estão preparados para desenvolver atividades de elevado grau de confidencialidade. (USARMY, 2010)

<sup>40</sup> Atualmente designado de *Army Compartmented Element*, é comumente conhecida como Força Delta. É composta por três batalhões, dois dedicados a operações de ação direta e um a operações de reconhecimento. (Neville, 2008)

<sup>41</sup> É uma componente marítima do CAG, com uma estrutura semelhante. (Neville, 2008)

<sup>42</sup> É considerada a unidade mais secreta do *Joint Special Operations Command*, e são especialistas em informações. (Neville, 2008)

(MEU), e a TF Jacana formada por um batalhão de 1700 britânicos do *45 Commando Royal Marines*<sup>43</sup>. A JIATF-CT, era comandada pelo Brigadeiro General *Gary Harrell*. Esta TF era formada por pessoal de todas as unidades intervenientes na OEF-A, sendo a sua missão tratar das matérias relacionadas com a informação, e fornecer o produto final ao CJSOTF. No sentido de prestar assistência humanitária ao povo afegão, o Tenente General *Paul Mikolashek*<sup>44</sup>, a pedido do CENTCOM, criou a CJCMOTF. Nesta TF integravam elementos do *377th Teather Support Command*, do *112nd Rear Operations Center*, e do *352nd Civil Affairs Command* e estava dividida em duas subunidades, a *Civil-Military Operations Center North* e a *Civil-Military Operations Center South* (Neville, 2008; Wright, 2010).

#### 4.4 Outras Forças de Operações Especiais no Terreno

As FOE americanas foram as mais relevantes nesta operação, no entanto, o seu sucesso não foi atingido de forma isolada. Como iremos ver em maior detalhe no subcapítulo 4.6, sobre a GWOT, quando os EUA iniciaram a sua campanha contra o terrorismo, vários países<sup>45</sup> se dispuseram a prestar ajuda, enviando forças armadas para combater a seu lado. Iremos fazer uma breve referência a algumas das principais forças que reforçaram os EUA na OEF-A, no período dos “45 dias”.

Invocando o 4º artigo do ANZUS<sup>46</sup>, o ataque em 11 de setembro de 2001 aos EUA traduzia-se também num ataque à Austrália, como tal, esta empenhou o seu 1º Esquadrão da *Special Air Servive Regiment* em outubro de 2001. Este esquadrão reforçou a TF 58 do CJTF-M (Neville, 2008).

O Canadá empenhou 40 militares da sua unidade de contra terrorismo – *Joint Task Force 2* – em dezembro de 2001, que ficou sob o comando da TF *K-Bar* (Neville, 2008).

A Dinamarca enviou uma força de 100 militares do seu exército *Jaegerkorpset*, e da marinha *Fromandskorpset* em dezembro de 2001 para reforçar a TF *K-Bar* desempenhando operações de busca e salvamento (Neville, 2008).

<sup>43</sup> Um batalhão de infantaria anfíbia do *3 Commando Brigade Royal Marines* britânico. Fazem parte da Força de Reação Rápida Britânica e estão prontos para atuar em qualquer parte do mundo. (International Affairs & Defense Section, 2001b)

<sup>44</sup> Comandante do *Combined Forces Land Component Command* (Neville, 2008)

<sup>45</sup> A contribuição dos vários países durante o início da OEF-A pode ser encontrada em maior detalhe em Congressional Research Service (17 october 2001) (Gerleman, Stevens, & Hildreth, 2001)

<sup>46</sup> Sigla por que ficou conhecido a aliança militar entre a Austrália, Nova Zelândia e EUA

---

#### 4.5 *Global War on Terrorism*

“O ataque de 11 de setembro abriu um novo capítulo na era de insurgência do Afeganistão” (Jones, 2010, p.86).

Neste ataque, um grupo terrorista apoderou-se de quatro aviões comerciais e fez com que estes embatessem deliberadamente, dois contra as torres gêmeas do *World Trade Center*, um contra o Pentágono em Washington DC, e outro se despenhasse na Pensilvânia. Nos dias que se seguiram ao ataque, o presidente Bush, em conjunto com o seu secretário da defesa produziram o GWOT.

GWOT foi o nome atribuído à campanha liderada pelos EUA contra a *Al-Qaeda* e outros grupos que conduziam ações terroristas, onde assentavam estratégias para fazer face a estas ações e incluía desde operações militares concretas contra o terrorismo até nova legislação de segurança. Torna-se relevante fazer aqui uma breve abordagem a esta temática, pois a OEF faz parte de uma das operações desta campanha.

De acordo com Telo e Pires (2013) a GWOT levou a “uma mudança radical da política e da estratégia americanas, o que obriga a uma ampla reorganização do conjunto das forças armadas e de segurança e não somente do seu componente militar”(p.78) mas também das suas agências e instituições civis que passaram a “atuar em conjunto, de forma coordenada e mesmo parcialmente integrada, tanto interna como externamente”(p.78).

A primeira prioridade do governo americano foi garantir que o seu país se mantinha seguro de qualquer outro tipo de ações terroristas, nesse sentido, deu início à *Operation Noble Eagle* onde desenvolveu operações de segurança em todas as cidades americanas e aeroportos. Esta operação mobilizou cerca de 35.000 elementos da Guarda Nacional e da Reserva americana. O espaço aéreo de Nova Iorque, Washington, e outras cidades principais era patrulado pela Guarda Nacional Aérea e o patrulhamento do espaço marítimo era responsabilidade da Reserva da Guarda Costeira (Wright, 2010).

Numa declaração do presidente Bush a 20 de setembro de 2001, *Usama bin Laden* e a sua organização terrorista foram responsabilizados pelo ataque a Nova Iorque. Era do conhecimento dos EUA que a *Al-Qaeda* estava alojada no Afeganistão sob autorização dos talibãs, e como tal, foi exigido que estes entregassem *Usama bin Laden* e cessassem a sua ligação com a *Al-Qaeda*. Dado que esta exigência foi ignorada, os EUA decidiram iniciar movimentos com vista no cumprir os objetivos da GWOT. Dentro das ações desenvolvidas pelos EUA podemos destacar três de grande importância: desmantelar as redes de

financiamento aos grupos terroristas, operações de divulgação de informações, e assegurar influências diplomáticas em conjunto com ações militares. Referente ao desmantelamento das redes de financiamento dos grupos terroristas, o presidente Bush assinou a Ordem Executiva 13224<sup>47</sup>, que autorizava o governo americano a bloquear contas bancárias de indivíduos ou entidades estrangeiras que cometessem, ou fossem considerados suspeitos a cometer atos de terrorismo, assim como indivíduos que apoiavam organizações terroristas. No que se refere às operações de divulgação de informação, os EUA tiveram especial cuidado na informação, acerca da sua intenção, à população, ou seja, que apenas iriam combater contra as ações e grupos terroristas, não sendo aquela uma guerra religiosa contra o islamismo, como o povo afegão e os muçulmanos em geral poderiam pensar. Relativamente às ações diplomáticas, os EUA fizeram questão de tornar esta guerra contra o terrorismo num esforço internacional. O apoio aos EUA não surgiu só dos tradicionais aliados americanos<sup>48</sup> mas também de outros país e até OI, como por exemplo, as Nações Unidas e a OTAN (Wright, 2010).

As primeiras operações militares a serem desenvolvidas dentro da GWOT foram as OEF e contaram com a ajuda militar de nações como o Reino Unido, a Austrália, a Nova Zelândia, o Canadá e a França. Estas operações tinham o seu nome associado ao local onde se desenrolaram, como é o caso da OEF-A ou OEF-Iraque (Jorge, 2009).

#### **4.6 Operation Enduring Freedom – Afghanistan**

O CENTCOM não tinha desenvolvido nenhum plano de operações terrestres convencionais no Afeganistão, e não tinha tempo para recolher informações sobre o país, no entanto, a CIA já operava no Afeganistão desde a invasão Soviética, e como tal, tinha vasto conhecimento do país, das suas tribos, grupos étnicos, líderes e idiomas (Jorge, 2009).

No Capítulo 3 foram apresentadas algumas características físicas do Afeganistão, que tornam este país num dos mais difíceis do Mundo para desenvolver operações militares. Além do que, como apresentámos (ver página 15), alguns dos motivos da derrota dos soviéticos foram a falta de adaptação a uma guerra de fortes componentes culturais e religiosas, e o uso de uma doutrina convencional.

---

<sup>47</sup> Intitulada de “*Executive Order 13224 - Blocking Property and Prohibiting Transactions with Persons who Commit, Threaten to Commit, or Support Terrorism*” de 23 de setembro de 2001 (Jones, 2010)

<sup>48</sup> Inglaterra, Austrália, Canadá e França (Wright, 2010)

Posto isto, e de modo evitar um insucesso idêntico ao soviético em 1979, o secretário da defesa *Donald Rumsfeld* e o General *Tommy Franks*, decidiram que a força empenhada deveria ser de efetivo reduzido, flexível, e com capacidades de operar com precisão e letalidade. O CENTCOM ordenou que o seu SOCCENT planeasse uma operação com tais características, e este, por sua vez decidiu, tendo em conta as características e possibilidades das FOE, empenhar o 5º Grupo de Forças Especiais nesta campanha; esta seria uma novidade – ter uma força nativa local, a Aliança do Norte, reforçada com FOE, equipas da CIA e meios aéreos (Peltier, 2005; Herspring, 2008).

No planeamento do CENTCOM, Franks dividiu a operação em quatro fases: a primeira constaria na criação de condições e formação de forças, para fornecer à *National Command Authority*, uma opção militar credível; a segunda traduzia-se na condução de operações de combate iniciais e na continuação da criação de condições para as operações seguintes, a terceira constituía a condução de operações de combate decisivas; e a última visava a criação de capacidade de prevenção do ressurgimento do terrorismo, assim como a promoção de apoio aos esforços de assistência humanitária (Wright, 2010).

Na primeira fase, os EUA estabeleceriam contacto com “os senhores da guerra” da Aliança do Norte para criar condições para a entrada das forças da Coligação e distribuiriam víveres à população. Na segunda fase, iniciar-se-iam os bombardeamentos aéreos sobre campos de treino, radares e armas antiaéreas<sup>49</sup> da *Al-Qaeda* e dos talibãs. Com as condições criadas, por parte das FOE e da Aliança do Norte, para a entrada de forças terrestres, iniciar-se-ia a terceira fase, através da entrada de 12.000 militares americanos para derrubar o regime talibã e eliminar a *Al-Qaeda*. Na última fase, com uma duração prevista entre de 3 a 5 anos, criar-se-iam condições no Afeganistão para prevenir o ressurgimento de grupos terroristas. Na terceira fase, *Franks* determinou que o empenhamento dos 12.000 militares seria o que a doutrina americana denomina de *sequel*, ou seja, dependente do sucesso das FOE em conjunto com a Aliança do Norte no combate contra os talibãs e a *Al-Qaeda*, este iria decidir se empenharia uma numerosa força convencional ou não (Wright, 2010).

Um dos primeiros desafios na OEF-A era estreitar a relação entre “os senhores da guerra” da Aliança do Norte e os EUA, e recolha de informações. No que se refere à recolha de informações, esta foi desenvolvida através de meios eletrónicos, com o

<sup>49</sup> Como referido no Capítulo 3 (ver página 15), as armas anti aéreas teriam sido um dos motivos do insucesso soviético no Afeganistão

---

*unmanned aerial vehicle* (UAV) GNAT 750<sup>50</sup>, o RQ-1 Predator<sup>51</sup> e o RQ-4 Global Hawk<sup>52</sup>; no terreno levada a cabo por elementos das FOE e da CIA. Como referimos anteriormente, a CIA, já operava no Afeganistão desde a invasão Soviética de 1979, como tal era a agência americana com maior conhecimento sobre o país. A 26 de setembro, uma equipa de oito homens pertencentes à CIA, aterrou no vale de *Panjshir*, a noroeste do Afeganistão. Com o nome de código *Jawbreaker*, foi a primeira equipa a ser empenhada, tendo como missão recolher informações, relacionar-se com os senhores da guerra afegãos para fortalecer o apoio da Aliança do Norte às FOE que iriam juntar-se após a campanha aérea, e coordenar os bombardeamentos da campanha aérea, que iniciaria a 7 de outubro. Esta equipa era liderada por *Gary Schroen* e constituída por pessoal especialista em comunicação e linguística. Além de todo o equipamento que lhes permitia comunicar em tempo real com o CENTCOM, transportavam também três milhões de dólares que seriam usados para comprar a lealdade dos líderes da Aliança do Norte (Ramalho, 2003; Neville, 2008; Jones, 2010).

Para dar início aos bombardeamentos aéreos da Coligação, era necessário obter permissão para aterrar e sobrevoar a região do Afeganistão. O Paquistão foi o primeiro país a oferecer cooperação, permitindo o uso da base aérea *Shahbaz*, em *Jabobabad*. A cooperação do Paquistão era importante, visto que estes reconheciam os talibãs como governo legítimo afegão, no entanto, o uso da sua base aérea não era rentável, apesar de se localizar perto o suficiente da área de operações, ficava longe das bases aéreas europeias. O Uzbequistão também demonstrou vontade em ajudar a Coligação, facilitando a utilização da base aérea K2. Esta base aérea encontrava-se em más condições e a pista era muito pequena para a aterragem do C-5 Galaxy, o que obrigava os EUA a fazer uma paragem numa das suas pistas na Alemanha, Espanha, Itália ou Turquia, para transferir as cargas para os C-17 ou C-130 de maneira a conseguirem aterrar em K2. Apesar de todas estas limitações a base aérea usbequistanesa revelava-se mais viável que a base aérea paquistanesa (c.f. Anexo F: Principais bases aéreas nos países adjacentes ao Afeganistão). A cooperação com o Paquistão foi estabelecida após alguns encontros entre os EUA e o Presidente Paquistanês *Pervez Musharraf*, mas com algumas limitações: os aviões americanos não poderiam sobrevoar as instalações nucleares paquistanesas; os EUA não poderiam lançar ataques ao Afeganistão a partir de território paquistanês; e os EUA tinham

---

<sup>50</sup> Utilizado pela CIA nos finais de setembro (Ramalho, 2003)

<sup>51</sup> Concebido para efetuar vigilância de alvos móveis (Ramalho, 2003)

<sup>52</sup> Concebido para operar a grande altitude e por longos períodos de tempo e vigiar infraestruturas fixas (Ramalho, 2003)

de providenciar assistência económica ao Paquistão. A cooperação com o Uzbequistão foi estabelecida a 5 de outubro com a autorização formal para utilizar a K2, o que foi crítico para o início da campanha aérea. Assegurada a liberdade do espaço aéreo, faltava agora estabelecer a cooperação da Aliança do Norte, que se revelava fundamental devido ao seu conhecimento do terreno e às informações que tinha sobre os talibãs e a respetiva cultura (Jones, 2010; Wright, 2010).

A 4 de outubro aterrou em K2 a primeira unidade do Exército Americano, a Companhia A do *528º Special Operations Support Battalion*. Ao contrário do que está estabelecido doutrinariamente, as FOE são apoiadas por unidades convencionais do exército, no entanto, dada a velocidade a que a OEF-A se desenrolou, as FOE foram as primeiras a chegar a K2 e apoiaram as unidades convencionais, que chegaram posteriormente a K2 até estas conseguirem estabelecer capacidades para apoiarem as FOE (Wright, 2010).

A 5 de outubro começaram a chegar a K2 forças da *United States Army Special Operations Command* (USASOC) que iriam ser necessárias no início da operação: o *16º Special Operations Wing* do AFSOC, uma parte do 5º Grupo de Forças Especiais, elementos do 160º Regimento de Aviação de Operações Especiais, elementos do *112º Signal Battalion*, elementos de comando do 1º Batalhão do 87º Regimento de Infantaria<sup>53</sup>, unidades de apoio logístico, assuntos civis e operações psicológicas (PSYOPS). As unidades de PSYOPS, nomeadamente o 4º Grupo de Operações Psicológicas, iniciou esforços no mesmo dia, com lançamento de panfletos e com emissão de transmissões radiofónicas e TV a cores dos aviões EC-130E *Commando Solo*, que se sobrepunham às transmissões dos canais afegãos. O início oficial da operação, na noite de 7 de outubro de 2001, foi marcado pelos bombardeamentos das forças americanas e do Reino Unido, às posições antiaéreas, paióis, e infraestruturas de comando e controlo talibãs. A finalidade era destruir as capacidades de defesa aérea dos talibãs, com intuito do controlo do espaço aéreo e destruição das centrais de comunicações talibãs, para que estes tivessem de utilizar meios rádios facilmente detetáveis e empastelados (Ramalho, 2003; Neville, 2008; Wright, 2010).

Como afirma Sobral (2011, p.67) “o Afeganistão é um ambiente onde a guerra psicológica é crucial para ganhar a guerra, mas é igualmente necessária para garantir a eficiência e manutenção da capacidade de combate dos nossos efetivos”.

<sup>53</sup> A missão desta unidade era manter a segurança na K2 e constituir equipas como Forças de Reação Rápida para auxiliar nas operações de busca e salvamento (Wright, 2010)

De acordo com Ramalho (2003), no início da campanha aérea “terão sido atingidos 31 alvos com 50 mísseis de cruzeiro Tomahawk, (...) aviões B-1B, B-2, B-52H (...) e mais 25 aviões de ataque. Os B-1 e B-2 utilizaram (...) *joint direct attack munitions* (JDAM), enquanto os B-52 usaram (...) *conventional air launched cruise missiles* (CALCM)”. Ramalho (2003) acrescenta ainda que “segundo a doutrina estabelecida durante a guerra do Kosovo, todas as missões aéreas foram acompanhadas por aviões EA-6B Prowlers, equipados com sistemas USQ-113 para *jamming* das comunicações rádio e VAQ-137 para neutralização dos meios radar talibãs”.

O objetivo americano no Afeganistão era eliminar a *Al-Qaeda* e os talibãs, de forma a mostrar à população que era este o objetivo, e não uma guerra contra o país ou contra o povo afegão. Além dos bombardeamentos também eram lançados abastecimentos médicos e comida de C-17 *Globemasters* que partiam da base aérea alemã *Ramstein*. Wright (2010) acrescenta que, durante o início de outubro foram lançados mais abastecimentos humanitários do que bombas. No entanto Oliker, et al. (2004, cit. in, Wright, 2010) afirmam que, algumas Organizações Não Governamentais (ONG) e OIs no Afeganistão sentiam que em vez de ajuda humanitária, os lançamentos de suplementos lançados faziam parte de missões de PSYOPS.

A 10 de outubro, o Coronel *John Mulholland* e o seu grupo de comando aterraram em K2 e estabeleceram o JSOTF-N. Visto ser o oficial mais antigo na base aérea, este também acumulou o controlo tático de todas as outras unidades presentes na K2 (Wright, 2010).

O início da campanha terrestre coincidiu com o início dos “45 dias”, a 19 de outubro, após duas semanas de bombardeamentos, com a infiltração de duas equipas de operações especiais da TF *Dagger*: ODA 555 e ODA 595. As *operational detachment A* (ODA) operavam no terreno em conjunto com a Aliança do Norte e com apoio aéreo. De acordo com Wright (2010), cada ODA era acompanhado por dois *terminal attack controllers* da AFSOC, cuja missão era controlar e coordenar o apoio aéreo. Para isso usavam designadores laser e equipamento de *global position system* (GPS) especial.

*Franks* decidiu iniciar a sua campanha terrestre pelo norte do país visto que era essencialmente povoado por não *pashkun* e era mais próxima da base aérea K2. Onze elementos da ODA 555 a bordo de um helicóptero MH-47 *Chinook*, foram infiltrados no vale de *Panjshir* para se encontrar com o General *Bismullah*. Doze elementos da ODA 595, infiltraram-se no vale de *Dari-a-Souf*, a sul de *Mazar e Sharif*, para se encontrar com o

General *Abdur Rashid Dostum*. Na mesma noite, foram largados de quatro MC-130<sup>54</sup>, duzentos *rangers* do 3º Batalhão do 75º Regimento *Ranger*, no objetivo RHINO, na região de Kandahar, para estabelecer segurança a uma pista de aterragem. A ODA 595 juntamente com as forças do General *Dostum* começaram a conquistar as vilas a sul de *Mazar e Sharif*. Conquistaram *Bishqab* a 21 de outubro, *Cobaki* a 22 de outubro, *Chapchal* a 23 de outubro, e *Oimetan* a 25 de outubro. No mesmo dia, foi infiltrada perto de *Dasht-e Qaleh*, a ODA 585 que se deslocou para sul, em direção a *Konduz*, para se encontrar com o General *Bariullah Khan*. A 31 de outubro a ODA 553 infiltrou-se na província de *Bamian* para auxiliar *Karim Khalili* e as suas forças *hazara*. A 3 de novembro foi infiltrada uma ODC composta por oito elementos, para auxiliar o General *Dostum* no comando e controlo da operação. No dia seguinte, a ODA 534 infiltrou-se em *Dari-a-Balkh* para auxiliar o General *Atta Mohammed* e juntaram-se ao movimento da ODA 595 e do General *Dostum*. A 5 de novembro, a ODA 595 e as forças de *Dostum* invadiram a aldeia de *Bai Beche*<sup>55</sup>, e a ODA 534 e as forças do General *Atta* invadiram *Ac'capruk*<sup>56</sup>, abrindo caminho para uma rápida entrada em *Mazar e Sharif*, e consequente conquista da cidade a 10 de novembro. A rápida conquista da cidade deveu-se à combinação dos bombardeamentos dos B-52<sup>57</sup> coordenados pela ODA 595, sucedidos por uma carga a cavalo de 250 uzbeques sobre as linhas defensivas talibãs (Neville, 2008; Jorge, 2009; Jones, 2010).

*Mazar e Sharif* tinha interesse estratégico nesta operação porque o seu aeroporto permitia criar um ponto logístico dentro do Afeganistão. A conquista de *Mazar e Sharif* marcou a primeira grande vitória sobre os talibãs nesta operação. Além de ter derrubado o regime talibã a norte do país, também aumentou significativamente a confiança e a moral das forças da Aliança do Norte, e indicou a velocidade com que esta guerra poderia ser vencida, visto que, três semanas após a primeira TF ter pisado o solo afegão uma das mais importantes cidades afegãs estava livre do domínio talibã (Peltier, 2005; Wright, 2010).

Dois dias antes da conquista de *Mazar e Sharif*, perto da fronteira com a Tadjiquistão, infiltraram-se a ODA 586 e a ODA 594. A ODA 586 seguiu para sul em direção a *Takhar* para se encontrar com o General *Daoud Khan* e conquistaram a cidade de *Taloqan* a 11 de novembro. A ODA 594 seguiu em direção ao vale de *Panjshir* para se juntar ao General *Fahim Khan* e à ODA 555 e a 13 de novembro conquistaram a cidade estrategicamente mais importante do Afeganistão – Cabul – sem qualquer tipo de

---

<sup>54</sup> Aeronave de transporte de pessoal

<sup>55</sup> Aldeia a sul de Mazar e Sharif

<sup>56</sup> Aldeia a este de Mazar e Sharif

<sup>57</sup> Avião bombardeiro

resistência talibã. Com a captura de Cabul, as atenções voltaram-se para a última fortificação talibã no norte – *Konduz*. A 14 de novembro a ODA 574 infiltrou-se na vila de *Tarin Kowt*, a sul do Afeganistão, para se encontrar com *Hamid Karzai* que se revelou um elemento fundamental no sucesso da operação no sul do Afeganistão. A ODA 583 infiltrou-se a 18 de novembro no vale de *Shin Narai*<sup>58</sup> e juntou-se às forças *pashtun* do movimento anti talibã de *Gul Agha Sherzai*<sup>59</sup> com vista a derrubar o domínio talibã em *Kandahar*. Após a conquista de *Taloqan*, a ODA 586 e as forças do General *Daoud Khan* deslocaram-se em direção a *Konduz* para apoiar a ODA 585 e o General *Bariullah*, e capturaram a cidade a 23 de novembro, após 11 dias de bombardeamentos aéreos, aniquilando o domínio talibã no norte do país (c.f. Anexo G: Operações no norte do Afeganistão outubro – dezembro 2001) (Biddle, 2002; Neville, 2008; Jones, 2010).

O norte do país já estava sob o domínio da Aliança do Norte, e as atenções começaram a voltar-se para a cidade de *Kandahar*, a sul do país. Nesta parte do país a maioria da população era *pashtun*, ao contrário do que acontecia no norte, como tal, o sucesso não residia só no apoio da Aliança do Norte, mas sim de população *pashtun* que fosse anti talibã. Como referimos anteriormente, a ODA 574 infiltrou-se em *Tarin Kowt*, onde se encontrava *Hamid Karzai* e os seus homens do movimento *pashtun* anti talibã. A ODA 574 e as forças de *Hamid Karzai* encontravam-se em boa localização para se deslocarem rapidamente em direção a *Kandahar*, no entanto não tinham potencial de combate suficiente para conquistar a cidade. Com a infiltração da ODA 583 e as forças de *Sherzai*, estavam reunidas as condições para assaltar *Kandahar* e eliminar os talibãs. A ODA 574 e as forças de *Karzai* começaram a mover-se em direção *Kandahar* para abordar a cidade por norte, a ODA 583 e as forças de *Sherzai* abordaram a cidade por sul e estabeleceram postos de observação, a 24 de novembro, para coordenação dos fogos aéreos que bombardearam o aeroporto de *Kandahar*. No dia seguinte, no objetivo RHINO, aterrou um batalhão do 15º MEU e um esquadrão australiano do *Special Air Service Regiment* (SASR) que também intimidou as forças talibãs, concentradas em *Kandahar*. A 5 de dezembro, um acidente com “bombas inteligentes” matou três elementos da ODA 574 e mais de vinte homens da força de *Karzai*. No entanto, a ODA 583 e as forças de *Sherzai* continuaram o avanço sobre *Kandahar* e a 7 de dezembro entraram na cidade e anunciaram a capitulação dos talibãs, abrindo as portas para a entrada do novo presidente, *Hamid*

<sup>58</sup> A Sul de *Kandahar*, perto da fronteira com o Paquistão

<sup>59</sup> O antigo governador de *Kandahar* (Wright, 2010)

*Karzai* (c.f. Anexo H: Operações no sul do Afeganistão outubro – dezembro 2001) (Biddle, 2002; Stewart, 2006; Neville, 2008).

Com a queda de *Kandahar*, a Aliança do Norte e os EUA ficaram no controlo do país, e os talibãs e membros da *Al-Qaeda* estavam agora numa posição defensiva na região de *Tora Bora* e além fronteiras (Telo & Pires, 2013).

#### 4.7 Quadro Estratégico de Cooperação

No presente subcapítulo iremos apresentar um quadro que explana a cooperação existente entre os diferentes atores envolvidos na OEF-A durante o período delimitador deste trabalho.

Quadro n.º1 – Quadro Estratégico de cooperação

<b>Data</b>	<b>Atores envolvidos</b>	<b>Ação</b>
13 setembro 2001	EUA; Paquistão	O Paquistão concordou em, parar com o apoio logístico a <i>Usama bin Laden</i> , parar com os abastecimentos de combustível aos talibãs, impedir a entrada no Afeganistão através do Paquistão de novos recrutas talibãs, e autorizar o uso de bases aéreas paquistanesas por parte da Coligação.  Os EUA auxiliaram monetariamente o Paquistão com fundos para a saúde, educação, comida, programas contra narcóticos, segurança e justiça.
14 setembro 2001	EUA; Nova Zelândia; Austrália	A Nova Zelândia e a Austrália, sob o acordo de ANZUS, garantiram apoio militar fornecendo FOE e navios.
20 setembro 2001	EUA; Inglaterra	A Inglaterra juntou-se aos EUA na GWOT colocando ao dispor americano um porta-aviões, aviões a jato Harrier, e aviões de combate, bombardeiros e helicópteros de combate.

-	EUA; Canadá	O Canadá apoiou a operação com 2.000 militares, seis navios de guerra, seis aviões e alguns helicópteros.
-	EUA; França	A França autorizou o uso do seu espaço aéreo.
-	EUA; Turquia	A Turquia autorizou o uso do seu espaço aéreo e de oito das suas bases aéreas.
-	EUA; Japão	O Japão enviou quatro dos seus navios para apoiar as operações.
26 setembro 2001	<i>Jawbreaker</i> ; Senhores da guerra afegãos	O <i>jawbreaker</i> entrou em contato com os senhores da guerra para recolherem informações e abastecê-los monetariamente em vista a garantir o seu apoio
5 outubro 2001	EUA; Uzbequistão	O Uzbequistão autorizou a utilização da base aérea K2. Os EUA auxiliaram o Uzbequistão com apoio militar e financeiro.
7 outubro 2001	Coligação; Povo afegão	Juntamente com os bombardeamentos da Coligação eram também largados em solo afegão abastecimentos de comida.
21/22/23/25 outubro 2001	ODA 595; General <i>Dostum</i>	Conquistaram <i>Bishqab</i> , <i>Cobaki</i> , <i>Chapchal</i> , e <i>Oimetan</i> .
3 novembro 2001	ODC; General <i>Dostum</i>	A ODC infiltrou-se para se juntar ao General <i>Dostum</i> e apoiá-lo no comando e controlo da operação.
5 novembro 2001	ODA 595; General <i>Dostum</i>	Conquistaram a aldeia de <i>Bai Beche</i> criando condições para seguir em direção a <i>Mazar e Sharif</i> .
5 novembro 2001	ODA 534; General <i>Atta</i>	Conquistaram <i>Ac'capruk</i> criando condições para seguir em direção a <i>Mazar e Sharif</i> .
10 novembro 2001	ODA 595; ODA 534; General <i>Dostum</i> ; General <i>Atta</i>	Combinaram os mísseis de cruzeiro lançados pelo B-52H com as cargas montadas a cavalo e conquistaram <i>Mazar e Sharif</i> .
11 novembro 2001	ODA 586; General <i>Daoud Khan</i>	Conquistaram <i>Taloqan</i> .
13 novembro 2001	ODA 594; ODA 555; General <i>Fahim Khan</i>	Conquistaram Cabul.

23 novembro 2001	ODA 586; ODA 585; General <i>Daoud Khan</i> ; General <i>Bariullah</i>	Conquistaram a última fortificação talibã no norte do país, <i>Konduz</i> , após 11 dias de bombardeamentos.
7 dezembro 2001	ODA 583; <i>Gul Sherzai</i>	Conquistaram <i>Kandahar</i> , a última cidade sob o domínio talibã.

#### 4.8 Análise Global do pós 45 dias

Após a queda do regime talibã, os talibãs e membros da *Al-Qaeda* sobreviventes moveram-se para dois locais dentro do Afeganistão, o vale de *Tora Bora* e o vale de *Shahi Kowt*, e para o Paquistão. Neste último, concentraram as suas operações a partir de três cidades: *Peshawar*, *Quetta* e *Karachi*. Em *Peshawar* concentravam-se as unidades responsáveis pela propaganda, em *Quetta* localizava-se o quartel-general talibã, porque permitia um fácil acesso ao sul do Afeganistão, e em *Karachi* localizava-se a base financeira talibã (Jones, 2010).

A região de *Tora Bora* já tinha servido de abrigo aos *mujahideen* na invasão soviética. A *Al-Qaeda* aperfeiçoou esta região, melhorando as posições defensivas e armazenando mantimentos, armamento, munições habilitando a *Al-Qaeda* de combater nesta região contra uma força numerosa. A Coligação poderia ter bloqueado o caminho aos talibãs e elementos da *Al-Qaeda* que fugiram para *Tora Bora*, no entanto, devido à proximidade desta região do Paquistão poderia fazer com que os fugitivos entrassem em conflito com o Paquistão (Wright, 2010).

Para combater o inimigo refugiado em *Tora Bora*, *Franks* necessitava de uma força convencional adequada para combater nesta região. *Hazrat Ali* e *Mohammed Zaman* comandavam duas forças anti talibãs que faziam parte da Aliança do Leste<sup>60</sup> dispostas a ajudar a Coligação neste combate (Wright, 2010).

Com o Afeganistão sob o controlo da Aliança do Norte, era necessário dar início ao processo de estabilização do país, passo que o presidente *Bush* não havia planeado. De acordo com Telo e Pires (2013) “toda a operação se baseou na ideia que, uma vez

<sup>60</sup> Uma aliança composta por quatro grupos anti talibãs que se localizavam no este do Afeganistão (Wright, 2010)

derrubados os regimes, as forças americanas poderiam regressar a casa e que, se fossem necessárias operações de estabilização, se poderia contar com os aliados” (p.81). Assim como não estava planeada uma reconstrução do Afeganistão, também não estava programada “uma política de assimilação dos combatentes depois do conflito, o que levou a que dezenas de milhares de talibãs morressem às mãos da Aliança do Norte” (p.82).

#### 4.9 Conclusões

*Donald Rumsfeld* e *Tommy Franks* decidiram, com receio de repetir o insucesso soviético ou originar uma nova Guerra do Vietname, empenhar uma força de efetivo reduzido, flexível e altamente treinada. As forças mais indicadas eram as FOE, que mostraram ser bastante eficazes num TO como o Afeganistão. A OEF-A levou a uma reorganização na forma de atuação das forças armadas e de segurança americanas. Forças militares e agências civis começaram a atuar de forma conjunta, tanto em solo americano como fora deste.

A OEF-A desenvolveu-se no âmbito da GWOT, cujo principal objetivo era eliminar a *Al-Qaeda* e todos os outros grupos que conduziam ações terroristas. A OEF-A iniciou-se oficialmente com os bombardeamentos aéreos da Coligação sobre as armas antiaéreas, paíóis e infraestruturas e comando e treino dos talibãs e da *Al-Qaeda*. Após duas semanas de bombardeamentos começaram as operações terrestres, cujo sucesso se deveu à combinação de esforços, nunca antes feita, de FOE e ataques aéreos com “bombas inteligentes” guiadas por laser e por GPS, em apoio a forças nativas. As FOE aconselharam e apoiaram taticamente a Aliança do Norte, sendo assim possível combinação de “bombas inteligentes” com as cargas de cavalaria do movimento anti talibã (Wright, 2010).

Nas primeiras duas semanas em solo afegão as ODA perceberam que se tornavam mais eficazes dividindo cada ODA em grupos de três elementos, pois conseguiam cobrir uma frente maior e localizando mais facilmente a posição das forças da Aliança do Norte, evitando, assim, o fratricídio. O equipamento de transmissões que equipava as FOE também facilitou a coordenação entre as forças da Aliança do Norte, já que esta era fraca neste tipo de equipamento (Peltier, 2005).

O norte do Afeganistão era constituído essencialmente por etnias não *pashtun*, o que facilitou as ações das FOE. A conquista de *Mazar e Sharif* marcou o declínio do regime talibã no norte do Afeganistão que findou com a conquista de *Konduz*. Em

comparação com o norte do país, o sul afegão revelava-se mais difícil na condução de operações visto que a etnia dominante era a *pashtun*. *Hamid Karzai* e *Gul Sherzai* eram as principais figuras de movimentos *pashtun* anti talibã nesta zona do país, e portanto, os principais apoiantes das operações militares conduzidas pelas FOE no sul afegão. A queda do regime talibã coincidiu com a queda de *Kandahar*, e conseqüente com a fuga dos talibãs e elementos da *Al-Qaeda* sobreviventes (Wright, 2010).

Como verificamos neste capítulo, vinte e sete dias após o ataque de 11 de setembro em Nova Iorque a Coligação invadiu o Afeganistão e fez cair o regime talibã, em apenas 45 dias. A eficácia desta fugaz campanha teve muito que ver com a ligação entre a Aliança do Norte e as FOE americanas e a exceção doutrinária que ocorreu durante este período. No entanto, como afirmam Telo e Pires (2013) “grande parte dos talibãs não se entregou nem morreu em combate – limitou-se a retirar momentaneamente e a procurar refúgio em zonas de acesso difícil ou além-fronteiras”(p.79)

## Capítulo 5

### Análise da Relação entre Aliança do Norte e as Forças de Operações Especiais

Desde o ataque de *Pearl Harbor* que os americanos não sofriam uma ação tão devastadora no seu próprio território. O ataque do 11 de setembro de 2001 não teve implicações apenas em solo americano mas sim em todo o mundo. Como analisámos ao longo deste trabalho, este atentado originou um ponto de viragem na forma como o terrorismo era encarado, começando a ter uma importância que até então não se lhe era dada e, o poder militar americano percebeu que era a altura de adotar um novo modo de operar. Em vez de se pensar em apenas usar os efetivos numerosos, surgia agora a possibilidade de pensar grandes operações com recurso apenas a forças reduzidas, altamente treinadas, equipadas e com grande capacidade adaptativa – as FOE, desde que contassem com forças locais que as pudessem apoiar.

O Presidente *Bush* decidiu, iniciar um movimento contra o terrorismo, GWOT, no qual se inseria a OEF-A. O Afeganistão estava sob o domínio dos talibãs, que decidiram acolher no seu território a organização terrorista responsável pelo atentado de 11 de setembro de 2001, a *Al-Qaeda*. O motivo que levou os EUA a decidir derrubar o regime talibã e a *Al-Qaeda* certamente reside no seguimento do desejo de combater o terrorismo e reagir ao atentado, apesar de que, como afirma Telo e Pires (2013) um dos principais motivos era “uma forma de se colocar na plataforma central da Ásia, entre a China, a Índia, a Rússia e dois outros Estados que detinham já armamento nuclear, ou estava prestes a tê-lo: o Paquistão e o Irão”(p.68).

De acordo com Ramalho (2003), a OEF-A pode ser caracterizada “em cinco aspetos distintos: o esforço na obtenção de informações; as características dos bombardeamentos aéreos; o emprego de FOE; a estabilização do novo regime no Afeganistão; e, por último, o carácter prolongado da guerra contra o terrorismo, onde quer que ele se encontre no mundo e em todo o momento”.

O Afeganistão era um país um pouco diferente daqueles a que os EUA estavam habituados a combater, considerado um dos mais difíceis de desenrolar operações militares, e como afirmado por alguns autores “o cemitério dos impérios” (Telo & Pires, 2013). Os EUA não queriam cometer o mesmo erro e insucesso dos soviéticos ou dar

origem a uma nova Guerra do Vietname, e sabiam que o sucesso nesta operação residia na flexibilidade, e precisão das suas altamente bem treinadas FOE.

O emprego das FOE foi fundamental nesta campanha, além das suas missões de recolha de informações através de reconhecimentos especiais de longo alcance, efetuaram ataques contra alvos seletivos, apoiaram a campanha aérea com a colocação de designadores laser em alvos pré determinados, apoiaram a ofensiva terrestre das forças da Aliança do Norte, levaram a cabo operações psicológicas, e o seu sucesso reforçou o moral da Coligação, e ao mesmo tempo desmoralizou as forças opositoras (Ramalho, 2003).

As FOE pisaram o solo afegão a 19 de outubro de 2001 para se associarem às forças anti talibã, que já combatiam os talibãs desde 1996 e conheciam bem o terreno e o inimigo, para iniciarem a campanha terrestre. O novo modo de operar americano, denominado “modelo afegão”, traduzia-se no uso de FOE, em substituição de extensas forças convencionais, em conjunto com poder aéreo, agências governamentais e forças nativas contra os opositores. Como afirmam Telo e Pires (2013), “foi uma campanha que não seguiu os manuais, onde se misturaram em operações conjuntas e combinadas unidades das operações especiais americanas e (em menor grau) de alguns aliados, unidades convencionais e instituições civis, com um apoio aéreo” (p.79).

De acordo com Max Boot (2003, cit in, Jorge, 2009) o novo modo de guerra americano tinha como princípios: a velocidade, manobra, flexibilidade e surpresa, procurando uma vitória rápida com o mínimo de baixas de ambos os lados. Esta transformação militar, muito dependente das FOE, de PSYOPS e poder de fogo aéreo, era muito apoiada por *Donald Rumsfeld*, pois permitia diminuir o efetivo empenhado, salvaguardando muitos soldados e reduzindo a presença americana no TO. No entanto, este compreendeu, após os “45 dias”, que o uso de forças reduzidas também tem as suas limitações. Além de não ter cumprido um dos objetivos, capturar *Usama bin Laden*, mesmo após o estabelecimento de um novo governo no Afeganistão, muitos dos senhores da guerra ainda mantinham controlo sob várias áreas do território afegão.

Como afirma George Bush (2001, cit in, Jorge, 2009, p.51):

profissionais de inteligência e das forças especiais cooperam com lutadores afegãos aliados que conheciam o terreno, o talibã e a cultura. E as nossas forças especiais têm a tecnologia para pedir ataques aéreos de precisão – junto com a flexibilidade de orientar ataques montados a cavalo, na primeira marcha de cavalaria do século XXI.

Alguns autores, como Kaplan (2006, cit in, Jorge, 2009) consideram que as transformações militares ocorridas que levaram ao sucesso dos “45 dias” no Afeganistão, não passaram por novas táticas ou novos sistemas de armas, mas pela facilidade de comunicação com os escalões superiores. Ou seja, os oficiais e sargentos das FOE para comunicarem com os escalões superiores, não precisavam obedecer a uma rígida cadeia de comando vertical. As FOE receberam instruções para se juntarem à Aliança do Norte, para auxiliarem a derrota dos talibãs, e fizeram-no à sua maneira, sem obedecer a instruções específicas. Em acréscimo a estes fatores de sucesso, realçar também a componente humana, a capacidade de compreensão de culturas e valores diferentes dos praticados no ocidente, principalmente em TO onde isso mais contava, como é o caso do Afeganistão.

---

## Capítulo 6

### Conclusões

No presente capítulo iremos explanar as conclusões resultantes da investigação, respondendo às questões e hipóteses formuladas no início do projeto.

Almejando estudar a organização das forças do movimento anti talibã, que foram apoiadas pelas FOE no combate aos talibãs e *Al-Qaeda*, formulámos a questão derivada: *Como se organizava a Aliança do Norte?* No Afeganistão encontravam-se diversos grupos pertencentes ao movimento anti talibã. O grupo predominante, a Aliança do Norte, estava dividido em três fações, de acordo com a etnia de cada grupo e respetiva localização dentro do Afeganistão. A Aliança do Norte estava mal equipada e mal treinada, sendo que o seu efetivo contabilizava entre 12.000 a 15.000 homens no nordeste, e mais 10.000, distribuído pelo norte, centro e oeste do Afeganistão. Este valor representava metade do efetivo dos talibãs. A hipótese que desenvolvemos foi a seguinte: *a organização da Aliança do Norte não detinha capacidade suficiente para retirar os talibãs do poder.* Esta hipótese confirma-se, pois, como analisámos ao longo do trabalho, já desde 1996 a Aliança travava conflitos com os talibãs, sem sucesso.

No intuito de estudar a estrutura da organização das FOE, e com vista a uma melhor compreensão do seu modo de operar na OEF-A, formulámos a questão derivada, *Como se estruturavam as FOE empenhadas?* As FOE caracterizam-se pela condução de operações em ambientes hostis, e politicamente instáveis, no intuito de alcançar objetivos que forças convencionais não seriam capazes de atingir. As FOE atuam com efetivos reduzidos, 12 elementos, denominados de ODA, altamente treinados e aptos a manobrar equipamentos especializados. Na figura n.º1 – Organigrama da estrutura inicial das FOE na OEF-A, podemos verificar quais as forças empenhadas no início da operação. Formulámos a seguinte hipótese: *a estrutura utilizada pelas FOE conseguiu apoiar eficazmente a Aliança do Norte, de forma a fazer frente aos talibãs que se concentravam nas principais cidades do país Afegão.* Esta hipótese confirma-se, visto que o objetivo da operação foi alcançado com sucesso, pela ação conjunta das FOE, Aliança do Norte, e apoio aéreo nos “45 dias”.

Com o objetivo de estudar qual o tipo de relação existente entre as FOE e a Aliança do Norte, formulámos a questão derivada, *Qual o relacionamento existente entre FOE empenhadas e a Aliança do Norte?* Ao invés de usar uma força convencional americana no Afeganistão, as FOE associaram-se às forças da Aliança do Norte e fizeram com que estas funcionassem como uma *surrogate force*, permitindo reduzir a presença americana no TO

---

e promover uma maior confiança nesta campanha junto da população. Os equipamentos de transmissões das FOE facilitaram a coordenação entre as forças que combatiam contra os talibãs e a *Al-Qaeda*. A hipótese formulada, *a estratégia usada pelos EUA permitiu o sucesso da operação sem grande empenhamento de forças no terreno, no entanto, não seria possível ocupar o terreno sem o apoio da organização governamental Aliança do Norte*, corrobora-se, e tal não seria possível sem as forças do movimento anti talibã, que funcionaram como uma força convencional. A Aliança do Norte auxiliava na procura dos talibãs e membro da *Al-Qaeda* que se escondiam em fortificações, e as FOE, por sua vez, colocavam designadores laser em alvos específicos para serem destruídos pelos bombardeamentos do apoio aéreo.

De modo a estudar as influências das FOE na Aliança do Norte, formulámos a questão derivada, *Quais as influências das FOE empenhadas na Aliança do Norte, e vice-versa?* A ligação entre os EUA e a Aliança do Norte começou antes do início da operação com os *jawbreaker*, que transportaram dinheiro até ao Afeganistão para garantir o apoio dos senhores da guerra anti talibãs. A relação entre as FOE e a Aliança do Norte era simples, cada um fornecia o que mais abundante e de melhor tinha. A Aliança do Norte detinha conhecimento sobre o Afeganistão, os talibãs e a *Al-Qaeda* que os EUA não possuíam, como tal, tinha as informações que as FOE precisavam para desenvolver a campanha. Além disto, a Aliança do Norte tinha a força convencional em solo afegão, que os EUA não tinham, nem precisavam ter. Por outro lado, as FOE tinham o treino, os equipamentos e os meios aéreos, necessários para aumentar o potencial de combate da Aliança do Norte. Esta união foi tão eficaz que em “45 dias” o regime talibã caiu e grande parte da *Al-Qaeda* foi aniquilada. A hipótese formulada, *a experiência da Aliança do Norte facilitou o desempenho das FOE, e as técnicas, táticas, e equipamentos das FOE transformaram a Aliança do Norte numa componente operacional e eficiente*, corrobora-se. O sucesso dos “45 dias” no Afeganistão deveu-se a uma combinação de esforços nunca antes feita: FOE e ataques aéreos com “bombas inteligentes” guiadas por laser e por GPS, em apoio às forças nativas. No entanto, se não fossem “os olhos” dos homens da Aliança do Norte, os bombardeiros pouco poderiam fazer contra uma força com poucos alvos fixos e bem visíveis. As FOE aconselharam e apoiaram taticamente a Aliança do Norte, e conseguiram combinar as “bombas inteligentes” com as cargas de cavalaria.

Respondendo à questão central do presente trabalho, *Qual a importância da ligação das FOE à Aliança do Norte para o sucesso da OEF-A?* Apesar de a combinação entre

FOE e forças nativas para conduzir uma operação já ser usado desde a Guerra do Vietname, a aliança dos meios de apoio nesta operação foi única e irrepetível. As cargas a cavalo foram potenciadas pelos meios do apoio aéreo, que bombardeavam os talibãs, desorganizando-os e destruindo as suas posições defensivas. Esta ligação foi o sucesso da operação. As FOE e o apoio aéreo tornaram a Aliança do Norte numa força capaz de derrubar o regime talibã em menos de dois meses, conquista esta apenas possível pelo conhecimento da Aliança do Norte, que auxiliava na localização de alvos, para posterior bombardeamento aéreo.

Esta investigação apresenta como principal limitação a falta de informação, visto que o objeto de estudo trata-se de um acontecimento recente, sendo que a maior parte da informação é confidencial. Apesar de existirem obras que escarpelizam o decorrer da operação, como é o caso da bibliografia consultada, a maior parte dos relatórios e documentos oficiais sobre a operação ainda não se encontram disponíveis ao público. A maior dificuldade existente na realização deste TIA corresponde à limitação acima apontada: dificuldade em aceder a informação vasta sobre a operação estudada. Assim sendo, este tema deverá ser alvo de investigações futuras de largo espectro dada a importância desta, única e irrepetível, operação militar das FOE. No entanto, recomendamos que tal seja feito quando a informação se mostrar mais disponível.

---

---

## Bibliografia

- Academia Militar. (2013). *Norma de Execução Permanente 520/2ª*. Lisboa.
- Afsar, M. S., Samples, M. C., & Wood, M. T. (2008). The Taliban: An Organizational Analysis. *Military Review*, pp. 58-73.
- Biddle, S. (2002). *Afghanistan and the future of Warfare: Implications for Army and Defense Policy*. Pennsylvania: Strategic Studies Institute, U.S. Army War College.
- Cambridge University Press. (2013). *British English Dictionaries*. Obtido em 2 de Junho de 2013, de Cambridge Dictionaries Online: <http://dictionary.cambridge.org/>
- Central Intelligence Agency. (s.d.). *The World Factbook*. Obtido em 20 de fevereiro de 2013, de Central Intelligence Agency: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/af.html>
- Dictionary.com. (2013). Obtido em 18 de 07 de 2013, de <http://dictionary.reference.com/>
- Eco, U. (2007). *Como se faz uma tese em Ciências Humanas*. (13ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Exército Português. (2010a). *Publicação Doutrinária do Exército (PDE) 0-18-00 Abreviaturas Militares*. Lisboa.
- Exército Português. (2010b). *Publicação Doutrinária do Exército (PDE) 3-09-00 Operações Não Convencionais*. Lisboa.
- Feickert, A. (3 de janeiro de 2013). *General National Security Topics*. Obtido em 14 de abril de 2013, de The Unified Command Plan and Combatant Commands : <http://www.fas.org/sgp/crs/natsec/R42077.pdf>
- Fortin, M.-F. (2003). *O processo de investigação : da concepção à realização*. (3ª.). Loures: Lusociência.
- Gerleman, D. J., Stevens, J. E., & Hildreth, S. A. (2001). *Operation Enduring Freedom: Foreign Pledges of Military & Intelligence Support*. Congressional Research Service.
- Herspring, D. (2008). *Rumsfeld's War: The Arrogance of Power*. Kansas: University Press of Kansas.
- Human Rights Watch. (Julho de 2001). *Crisis of Impunity: The Role of Pakistan, Russia, and Iran in Fueling the Civil War in Afghanistan*. Obtido em 20 de Abril de 2013, de Reports: <http://www.hrw.org/reports/2001/afghan2/Afghan0701.pdf>

- International Affairs & Defence Section. (2001a). *11 September 2001: the response*. London: House of Commons Library.
- International Affairs & Defense Section. (2001b). *Operation Enduring Freedom and the Conflict in Afghanistan: An update*. London: House of Commons Library.
- Jalali, A. A. (2001). Afghanistan: The Anatomy of an Ongoing Conflict. *Parameters* , 85-98.
- Jones, S. G. (2010). *In The Graveyard of Empires*. New York: Norton.
- Jorge, B. W. (2009). *As Forças de Operações Especiais dos Estados Unidos e a Intervenção no Afeganistão: Um Novo Modo de Guerra Americano?* São Paulo: Dissertação de mestrado não-publicada .
- Katzman, K. (2011). *Afghanistan: Post-Taliban Governance, Security, and U.S. Policy*. Washington DC: Congressional Research Service.
- Marconi, M. d., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica* . (5ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Marine Corps Institute. (n.d.). *Afghanistan: An Introduction to the Country and People*. Washington DC: Marine Barracks.
- Ministry of Foreign Affairs. (s.d.). *Afghanistan's Rivers*. Obtido em 16 de Maio de 2013, de Embassy of the Islamic Republic Of Afghanistan - Warsaw: <http://www.afghanembassy.com.pl/cms/en/afghanistan/afghanistan-s-rivers>
- Moreira, A. (2002). *Teoria das relações internacionais*. 4ª ed., Coimbra: Almedina.
- Neville, L. (2008). *Special Operations Forces Afghanistan*. New York: Osprey Publishing Ltd.
- North Atlantic Treaty Organization. (15 de abril de 2013). *Afghanistan International Security Assistance Force*. Obtido em 15 de abril de 2013, de About ISAF: <http://www.isaf.nato.int/history.html>
- Peltier, I. J. (2005). *Surrogate Warfare: The Role of U.S. Army Special Forces*. Kansas: US Army Command and General Staff College.
- Ramalho, J. L. (2003). *Afeganistão: a aplicação da tecnologia na luta contra o terrorismo*. Obtido em 24 de maio de 2012, de JANUS. Anuário: [http://www.janusonline.pt/2003/2003\\_2\\_3\\_3.html](http://www.janusonline.pt/2003/2003_2_3_3.html)
- Rashid, A. (2001). *Taliban: Militant Islam, Oil, and Fundamentalism in Central Asia*. Connecticut: Yale University Press.

Rodrigues, D. J. (2011). Afeganistão: objetivos alcançados? In H. E. Borges, *O Afeganistão* (pp. 153-170). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Santos, J. A. (2011). Enquadramento Estratégico. In H. E. Borges, *O Afeganistão* (pp. 29-39). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Sarmiento, M. (2008). *Guia Prático sobre Metodologia Científica para Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses de Doutoramento, Dissertações de Mestrado e Trabalho de Investigação Aplicada*. (2ª ed.). Lisboa: Universidade Lusíada Editora.

Silva, A. C. (2008). *M421 - Teoria das Relações Internacionais*. Lisboa: Academia Militar.

Sobral, I. (2011). Afeganistão: Navegar a Encruzilhada Histórica e Étnica. In H. E. Borges, *O Afeganistão* (pp. 51-67). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Stewart, R. W. (2006). *United States Army in Afghanistan: Operation Enduring Freedom, October 2001-March 2002*. Washington DC: Center of Military History.

Symon, F. (19 de setembro de 2001). *Afghanistan's Northern Alliance*. Obtido em 12 de março de 2013, de BBC News Online: [http://news.bbc.co.uk/2/hi/south\\_asia/1552994.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/south_asia/1552994.stm)

Telo, A. J., & Pires, N. L. (2013). *Conflitos e Arte Militar na Idade da Informação (1973 - 2013)*. Cascais: Tribuna da História.

USARMY. (2006). *FM 3-05 Army Special Operations Forces*. Washington DC: Department of the Army.

USARMY. (2001). *FM 3-05.20 Special Forces Operations*. Washington DC: Department of the Army.

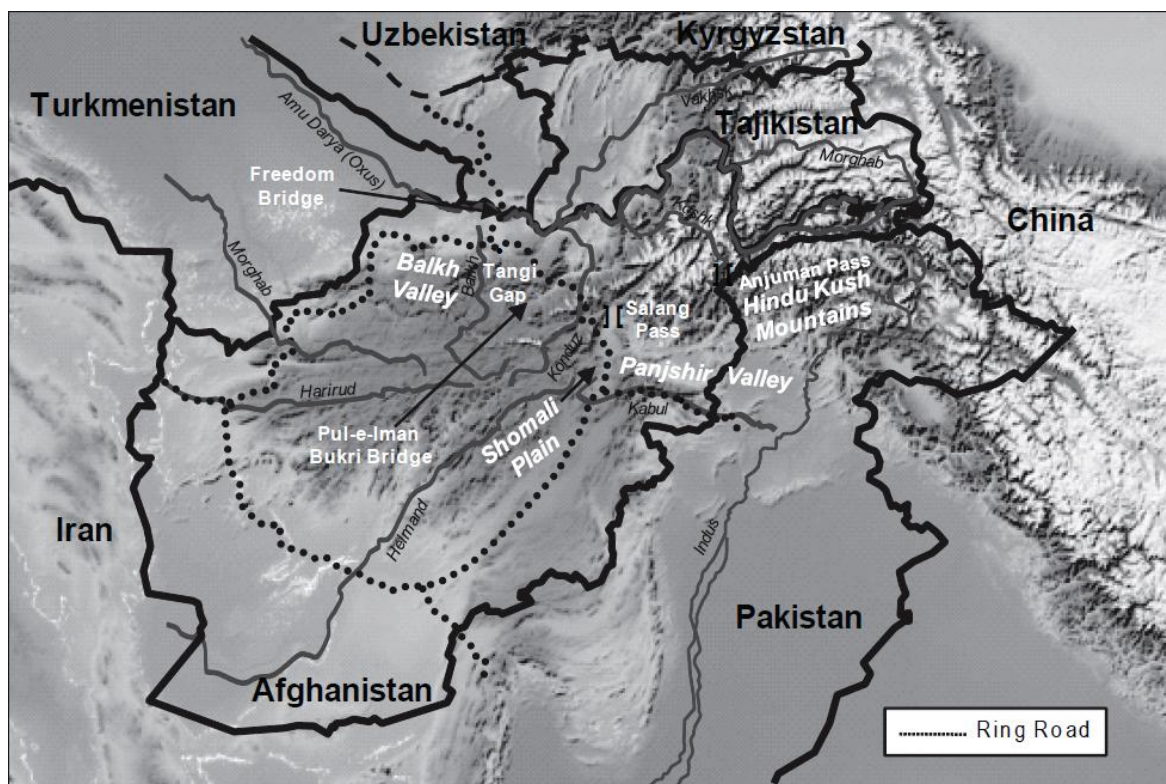
USARMY. (2010). *JP 1-02. Department of Defense Dictionary of Military and Associated Terms*. Washington DC: Headquarters Department of the Army.

USCENTCOM. (n.d). *About CENTCOM*. Obtido em 5 de março de 2013, de United States Central Command: <http://www.centcom.mil/about-u-s-central-command-centcom>

Wright, D. D. (2010). *A Different Kind of War*. Kansas: Combat Studies Institute Press.

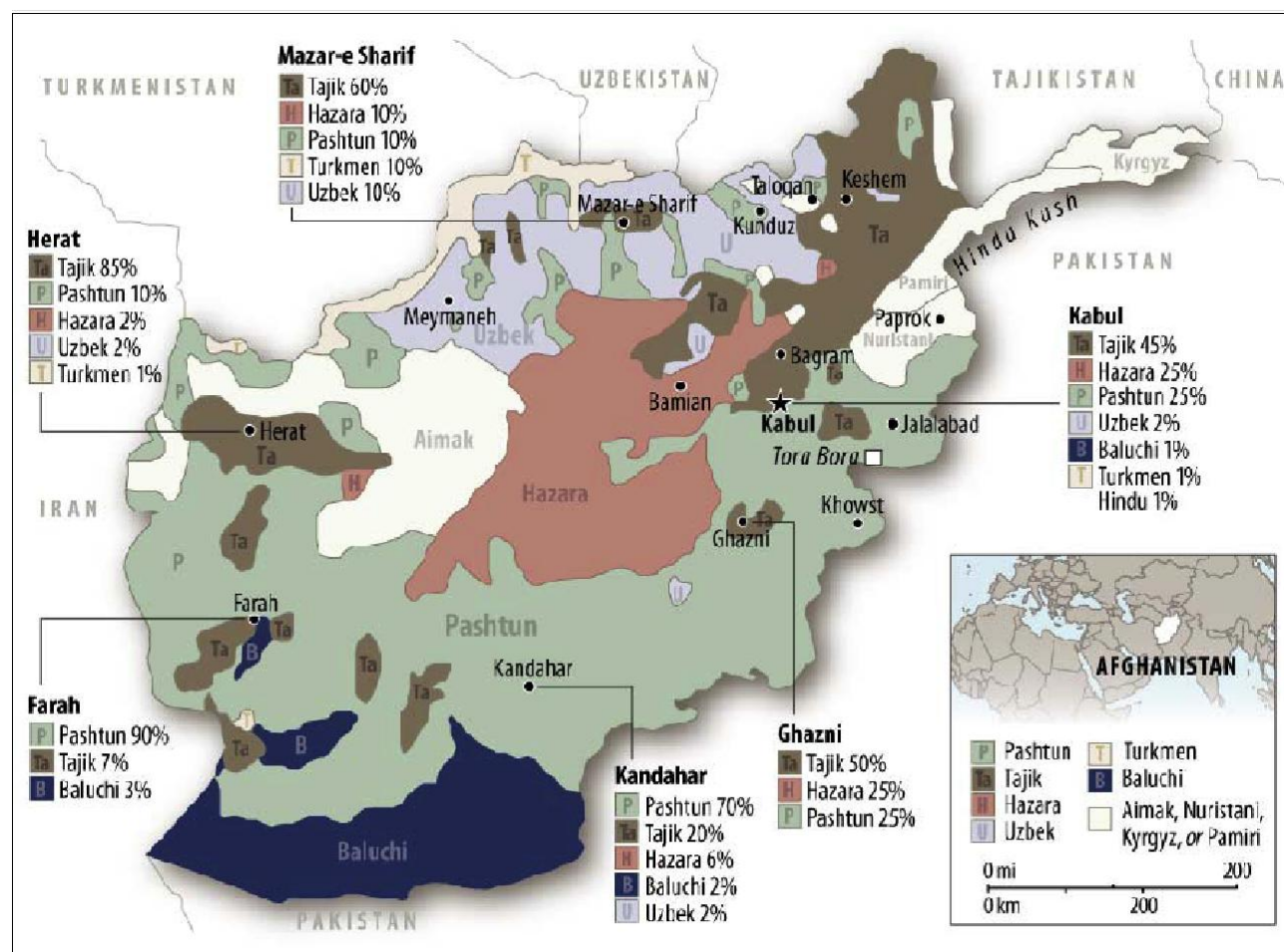
## **Anexos**



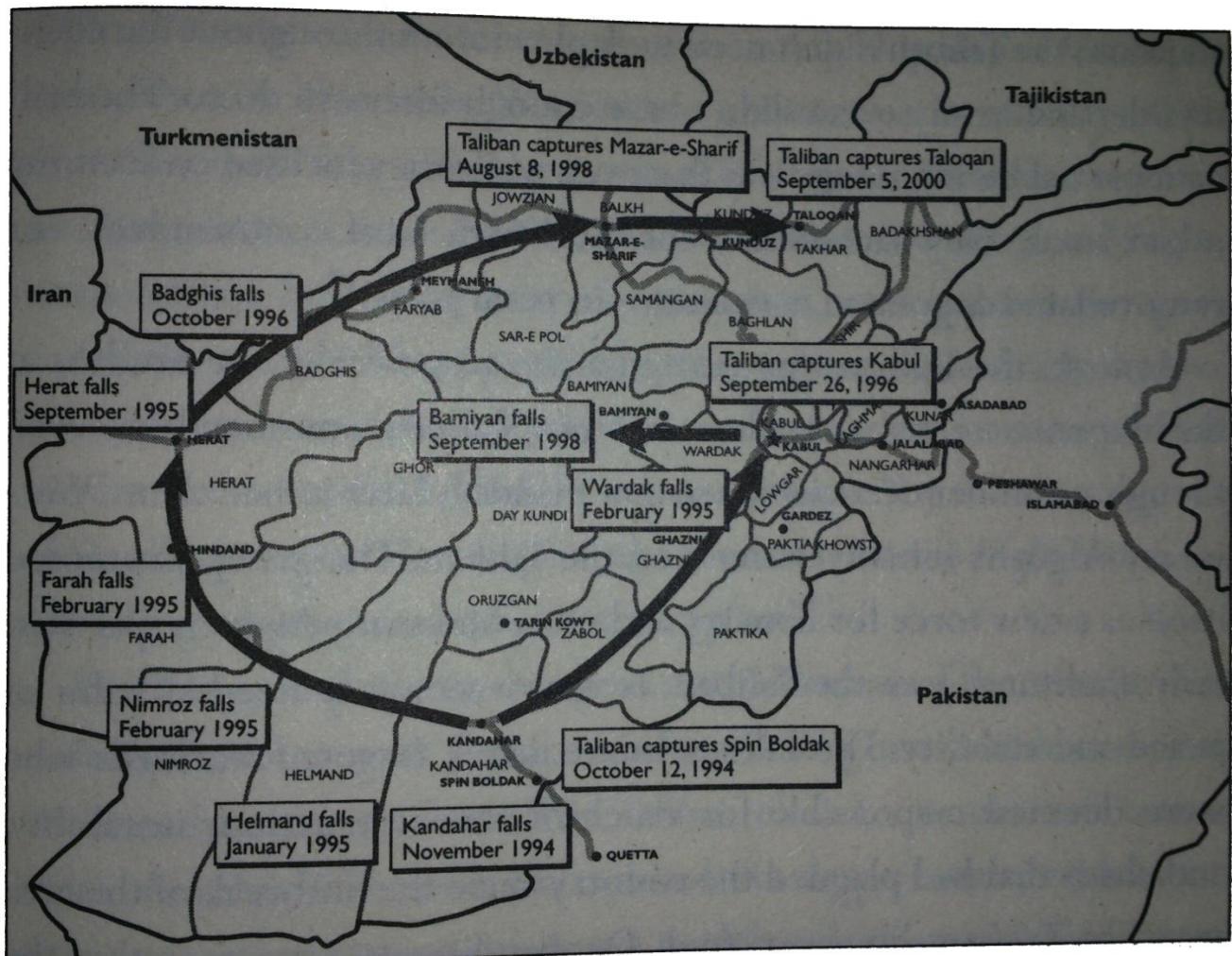
**Anexo B: Vias de comunicação no Afeganistão**

Fonte: Wright, 2010, p. 7

## Anexo C: Mapa das etnias afegãs

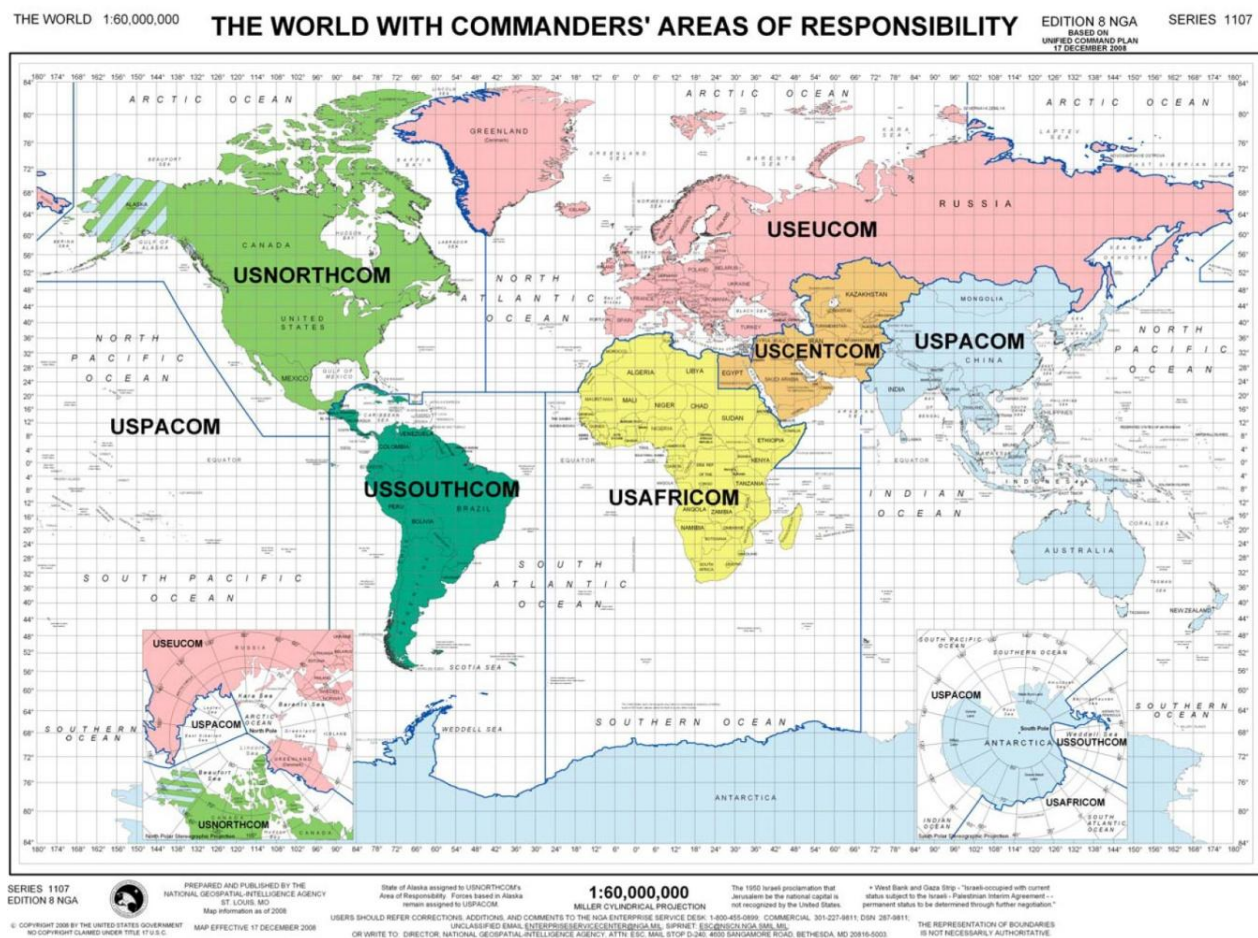


Fonte: Katzman, 2011, p.94

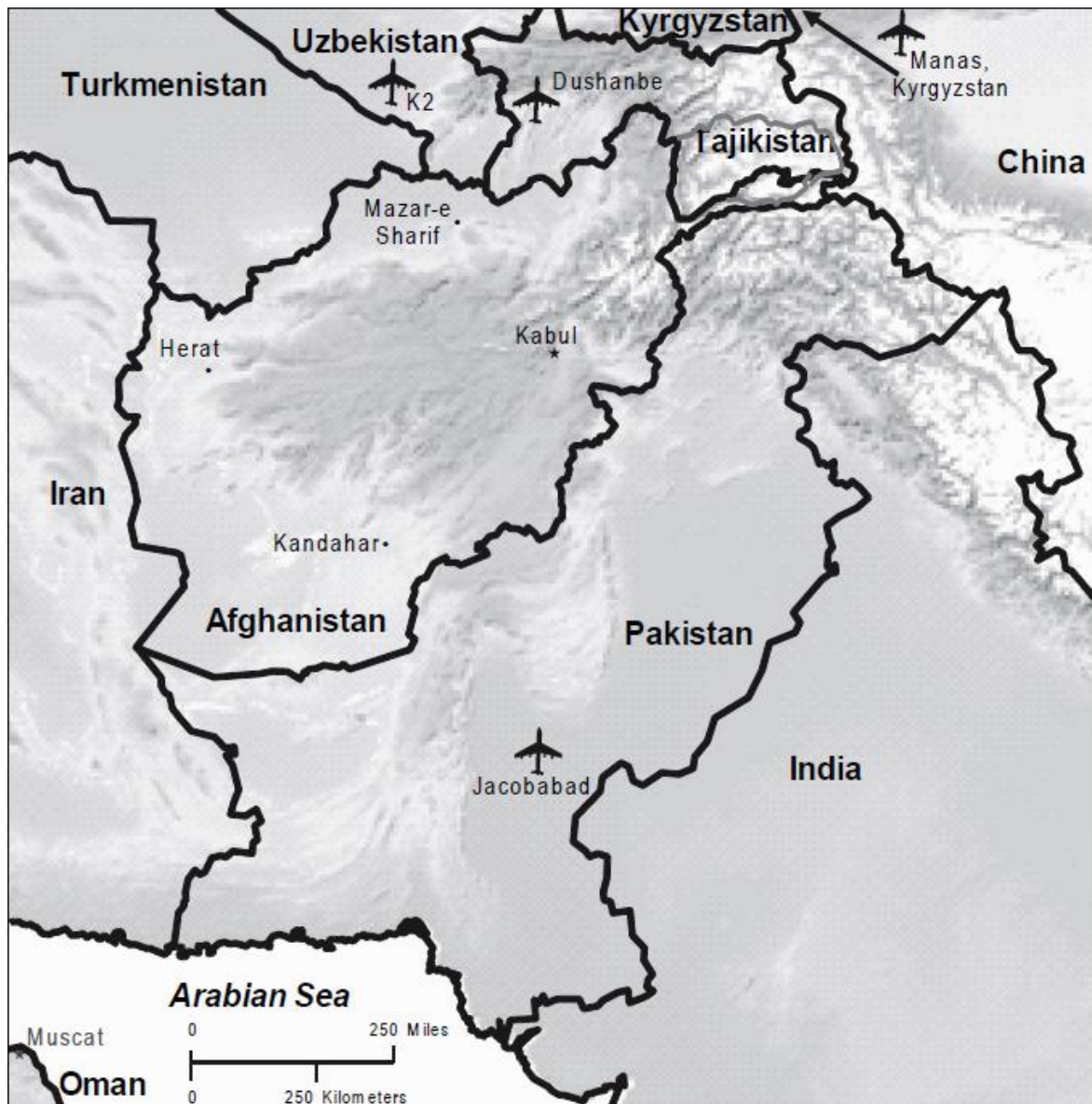
**Anexo D: Conquistas Talibãs no Afeganistão**

Fonte: Jones, 2010, p.59

Anexo E: *Unified Combatant Command*

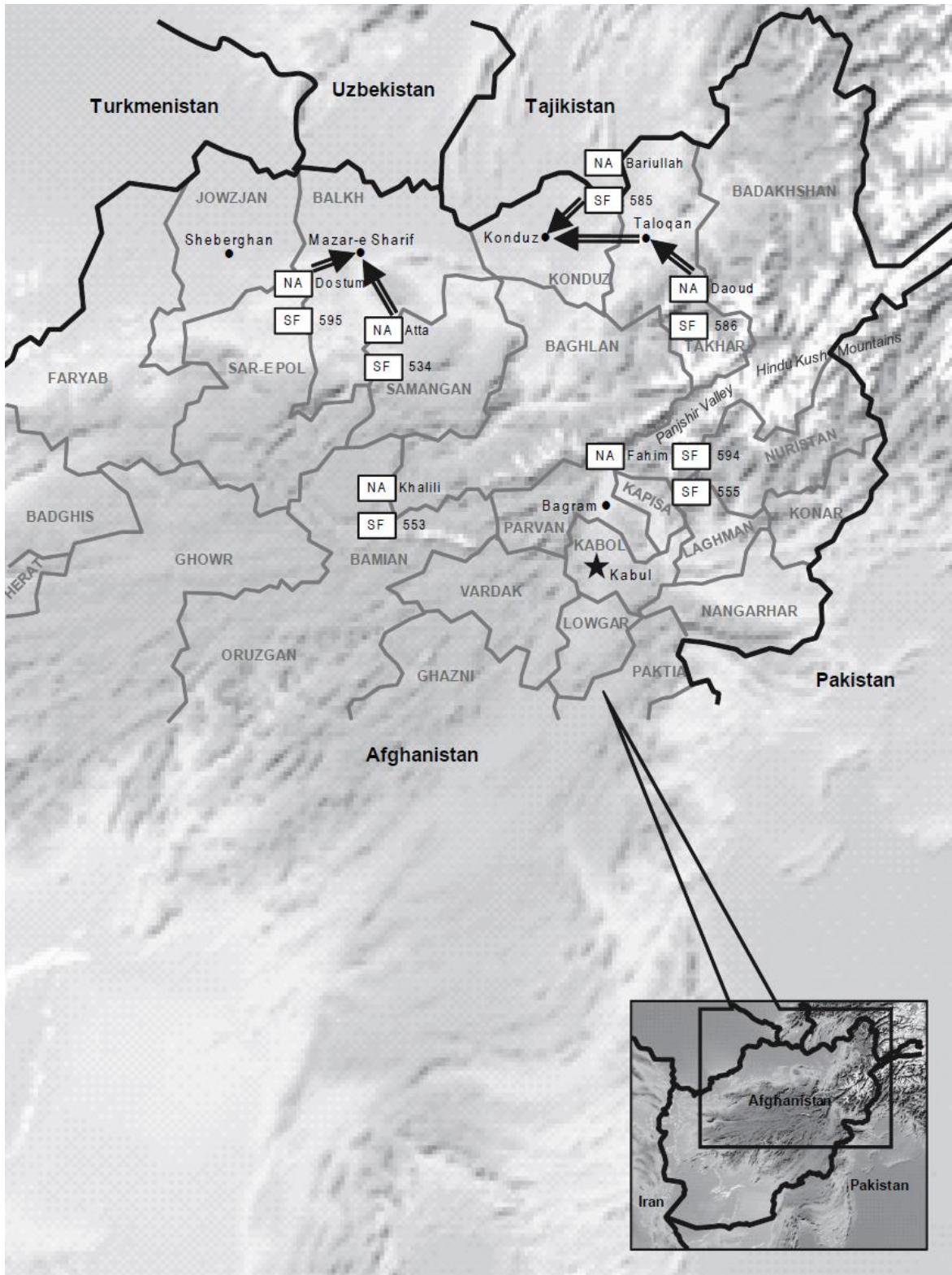


Fonte: [http://www.centcom.mil/images/stories/unified-command\\_world-map.jpg](http://www.centcom.mil/images/stories/unified-command_world-map.jpg), acedido em 12 de maio de 2013

**Anexo F: Principais bases aéreas nos países adjacentes ao Afeganistão**

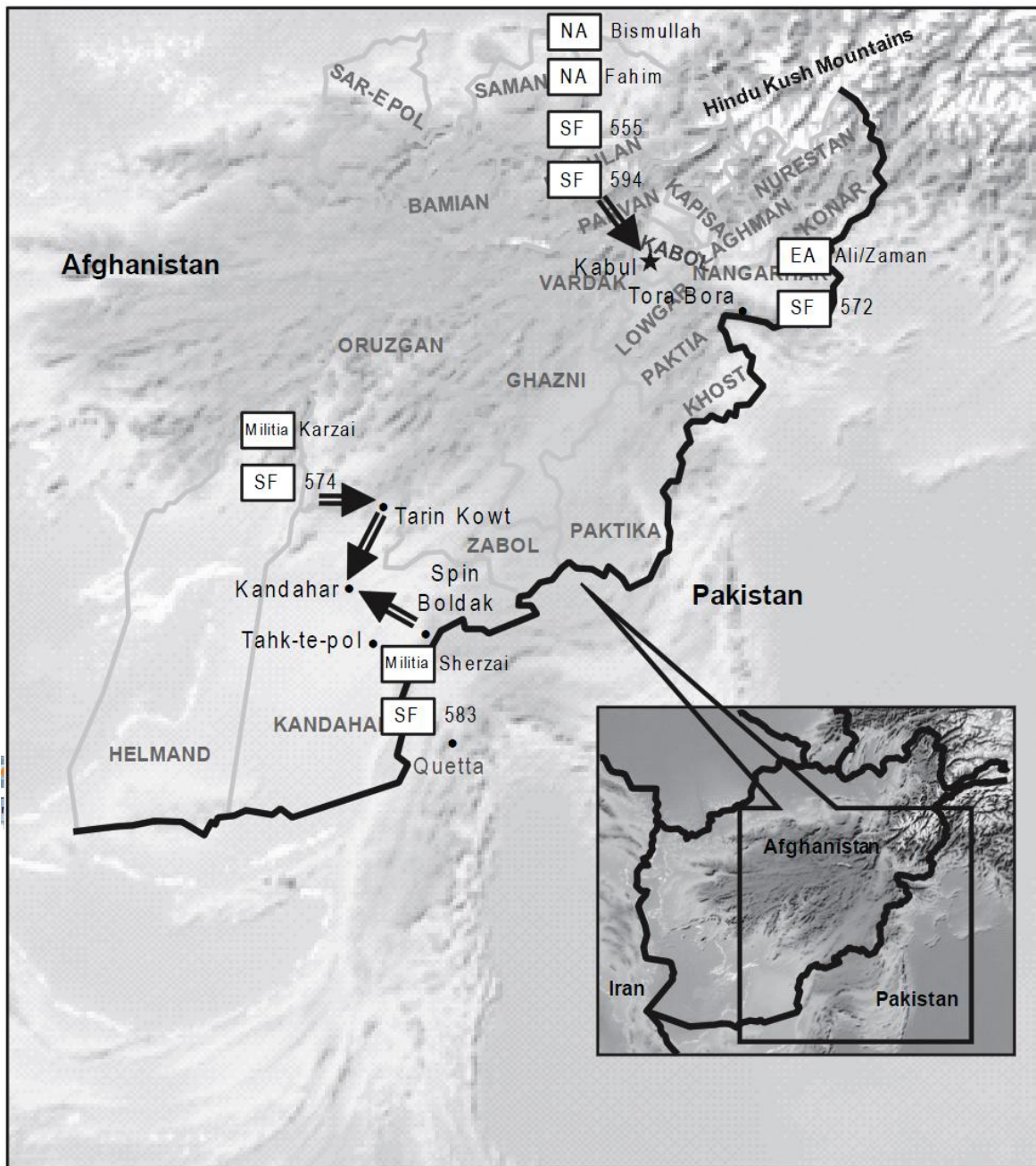
Fonte: Wright, 2010, p. 59

**Anexo G: Operações no norte do Afeganistão outubro – dezembro 2001**



Fonte: Wright, 2010, p. 74

**Anexo H: Operações no sul do Afeganistão outubro – dezembro 2001**



Fonte: Wright, 2010, p. 102